

Teoria de Homotopia Abstrata

Edmundo Martins

18 de novembro de 2023

1 Categorias modelo

1.1 Definição. Seja M uma categoria localmente pequena, completa e co-completa. Uma **estrutura modelo** em M consiste de três classes de morfismos $\mathcal{W}, \mathcal{F}, \mathcal{C} \subseteq \text{Mor}(M)$ cujos elementos são chamados, respectivamente, **equivalências fracas**, **fibrações** e **cofibrações**, as quais devem satisfazer as seguintes condições:

- (M1) A categoria M é bicompleta, ou seja, admite todos os limites e colimites indexados por categorias pequenas.
- (M2) (Propriedade 2-de-3) Dados morfismos $f : X \rightarrow Y$ e $g : Y \rightarrow Z$ em M , se dois dos morfismos do conjunto $\{f, g, g \circ f\}$ estiverem em \mathcal{W} , então o terceiro também deve estar.
- (M3) (Propriedade de retração) Se um morfismo $f : A \rightarrow X$ é retração de um outro morfismo $g : B \rightarrow Y$, ou seja, se existe um diagrama comutativo como abaixo,

$$\begin{array}{ccccc} & & \text{id}_A & & \\ & \nearrow & & \searrow & \\ A & \longrightarrow & B & \longrightarrow & A \\ f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow f \\ X & \longrightarrow & Y & \longrightarrow & X \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & \text{id}_X & & \end{array}$$

e g pertence a \mathcal{W} (ou a \mathcal{F} , ou a \mathcal{C}), então f também pertence a \mathcal{W} (ou a \mathcal{F} , ou a \mathcal{C} , respectivamente). Em suma, as classes \mathcal{W}, \mathcal{F} e \mathcal{C} são fechadas por retrações.

- (M4) (Propriedade de levantamento) Dado um diagrama comutativo como abaixo,

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

onde i é uma cofibração, e p é uma fibração; se um dos dois morfismos i ou p é também uma equivalência fraca, então o diagrama admite um levantamento, ou seja, existe um morfismo $f : B \rightarrow X$ que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & \nearrow f & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

(M5) (Propriedade de fatoração) Qualquer morfismo $f : X \rightarrow Y$ em \mathbf{M} pode ser fatorado nas duas formas mostradas abaixo,

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ & \searrow i & \nearrow p \\ & \hat{X} & \end{array} \quad \begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ & \searrow j & \nearrow q \\ & \tilde{Y} & \end{array}$$

onde p é simultaneamente uma fibração e uma equivalência fraca, enquanto j é simultaneamente uma cofibração e uma equivalência fraca.

Vamos introduzir um pouco de terminologia antes de fazermos alguns comentários sobre a definição acima. Os morfismos de \mathbf{M} que pertencem à classe $\mathcal{W} \cap \mathcal{F}$ são chamados de **fibrações triviais** ou **fibrações acíclicas**, enquanto os morfismos que pertencem à classe $\mathcal{W} \cap \mathcal{C}$ são chamados de **cofibrações triviais** ou **cofibrações acíclicas**. Usando essa terminologia o axioma de fatoração (M5) pode ser enunciado da seguinte forma: todo morfismo em uma categoria modelo pode ser fatorado como uma cofibração seguido de uma fibração trivial, ou como uma cofibração trivial seguido de uma fibração.

1.2 Observação. Lembremos que, dados objetos X e Y de uma categoria \mathbf{C} qualquer, dizemos que X é um **retrato** de Y se existem morfismos $s : X \rightarrow Y$ e $r : Y \rightarrow X$ tais que $r \circ s = \text{id}_X$. Comumente nos referimos ao morfismo s por **seção** e ao morfismo r por **retração**. A condição $r \circ s = \text{id}_X$ garante que s seja um monomorfismo. De fato, se $f, g : W \rightarrow X$ são morfismos tais que $s \circ f = s \circ g$, então

$$f = \text{id}_X \circ f = r \circ s \circ f = r \circ s \circ g = \text{id}_X \circ g = g.$$

Isso nos permite encarar X como um subobjeto de Y , e o morfismo r então intuitivamente deforma Y para esse subobjeto, mas de forma a mantê-lo fixado. Note que a condição $r \circ s = \text{id}_X$ garante também que o morfismo r seja um epimorfismo.

A noção de retração que aparece no axioma (M3) de uma estrutura modelo enunciado acima pode ser interpretada nesse sentido em uma categoria adequada. Lembremos que toda categoria \mathbf{C} dá origem a uma categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{C})$. Os objetos dessa categoria são precisamente morfismos $f : A \rightarrow B$ na categoria inicial \mathbf{C} , e dados dois tais objetos $f : A \rightarrow B$ e $g : X \rightarrow Y$, um morfismo do tipo $(f : A \rightarrow B) \rightarrow (g : X \rightarrow Y)$ na categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{C})$ é dado por um par de morfismos $(\alpha : A \rightarrow X, \beta : B \rightarrow Y)$ satisfazendo a igualdade $\beta \circ f = g \circ \alpha$. Podemos então visualizar esse morfismo em $\text{Arr}(\mathbf{C})$ na forma de um quadrado comutativo como mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

A composição de morfismos é definida “colando” quadrados comutativos adjacentes. Mais precisamente, dados três objetos $f : X_1 \rightarrow Y_1$, $g : X_2 \rightarrow Y_2$ e $h : X_3 \rightarrow Y_3$ na categoria $\text{Arr}(\mathbf{C})$, e dados também dois morfismos componíveis

$$(\alpha_1 : X_1 \rightarrow X_2, \beta_1 : Y_1 \rightarrow Y_2) \quad (\alpha_2 : X_2 \rightarrow X_3, \beta_2 : Y_2 \rightarrow Y_3),$$

sua composição é o morfismo

$$(\alpha_2, \beta_2) \circ (\alpha_1, \beta_1) : (f : X_1 \rightarrow Y_1) \rightarrow (h : X_3 \rightarrow Y_3)$$

em $\text{Arr}(\mathbf{C})$ definido pelo par

$$(\alpha_2, \beta_2) \circ (\alpha_1, \beta_1) := (\alpha_2 \circ \alpha_1 : X_1 \rightarrow X_3, \beta_2 \circ \beta_1 : Y_1 \rightarrow Y_3).$$

Essa composição pode também ser visualizada como mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha_1} & X_2 & \xrightarrow{\alpha_2} & X_3 \\ f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow h \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta_1} & Y_2 & \xrightarrow{\beta_2} & Y_3 \end{array} \implies \begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha_2 \circ \alpha_1} & X_3 \\ f \downarrow & & \downarrow h \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta_2 \circ \beta_1} & Y_3 \end{array}$$

A associatividade dessa composição via colagem segue diretamente da associatividade da composição na categoria inicial \mathbf{C} . Por fim, dado um objeto $f : X \rightarrow Y$ qualquer, o morfismo idêntico associado a ele é dado pelo par $\text{id}_f := (\text{id}_X, \text{id}_Y)$, conforme mostrado no quadrado comutativo abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X \\ f \downarrow & & \downarrow f \\ Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y \end{array}$$

Note agora que, se o objeto $f : A \rightarrow B$ é um retrato do objeto $g : X \rightarrow Y$ na categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{M})$, então por definição existem morfismos $s_1 : A \rightarrow X$, $s_2 : B \rightarrow Y$, $r_1 : X \rightarrow A$ e $r_2 : Y \rightarrow B$ tais que $(r_1, r_2) \circ (s_1, s_2) = \text{id}_f$, o que também pode ser expresso pelo diagrama comutativo abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} & & \text{id}_A & & \\ & \nearrow & & \searrow & \\ A & \xrightarrow{s_1} & X & \xrightarrow{r_1} & A \\ f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow f \\ B & \xrightarrow{s_2} & Y & \xrightarrow{r_2} & B \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & \text{id}_B & & \end{array}$$

Esse é precisamente o diagrama que aparece no axioma de retração na definição de uma estrutura modelo. Podemos então reformular tal axioma dizendo que as classes de equivalências fracas, fibrações e cofibrações são todas fechadas por *retrações na categoria de setas* $\text{Arr}(\mathbf{C})$.

1.3 Observação. Quando trabalhamos com categorias modelo, no lugar de dizermos explicitamente que um morfismo é uma equivalência fraca, ou uma cofibração, ou uma fibração, simplesmente adornarmos de alguma forma a seta que representa o morfismo em questão. A convenção notacional que seguiremos nesse aspecto é a seguinte:

- uma equivalência fraca será denotada por $\xrightarrow{\sim}$;
- uma cofibração será denotada por \twoheadrightarrow ;
- uma fibração será denotada por \rightarrowtail .

Também denotaremos cofibrações ou fibrações triviais por uma combinação dos símbolos acima:

- uma cofibração trivial será denotada por $\xrightarrow{\sim}\twoheadrightarrow$;
- uma fibração trivial será denotada por $\rightarrowtail\sim$.

Seguindo essa convenção notacional, podemos, por exemplo, enunciar o axioma de levantamento (M4) da seguinte forma: em uma categoria modelo, todo quadrado comutativo da forma

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow \wr & & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

admite um levantamento $f : B \rightarrow X$

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow \wr & \nearrow f & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y, \end{array}$$

e todo quadrado comutativo da forma

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & & \wr \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

admite um levantamento $f : B \rightarrow X$

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & \nearrow f & \wr \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y. \end{array}$$

Usando a mesma convenção, o axioma de fatoração (M5) pode ser enunciado da seguinte maneira: em uma categoria modelo, todo morfismo $f : X \rightarrow Y$ possui duas fatoraões como mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ \swarrow i & & \nearrow p \\ & \hat{X} & \end{array} \qquad \begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ \swarrow j & & \nearrow q \\ & \tilde{Y} & \end{array}$$

1.1 Fatorações em categorias

Antes de investigarmos mais a fundo as propriedades de categorias modelo, vamos investigar parte de sua estrutura sob uma perspectiva mais geral. O ponto central da discussão é que a definição de uma categoria modelo pode ser encapsulada totalmente pela existência de fatorações em cofibrações e fibrações que estão relacionadas por condições de levantamento.

Inicialmente, definimos a noção de levantamento de forma mais geral.

1.4 Definição. Sejam \mathbf{C} uma categoria e $\mathcal{A} \subseteq \text{Mor}(\mathbf{C})$ uma classe qualquer de morfismos. Dizemos que um morfismo $f : A \rightarrow B$ em \mathbf{C} **satisfaz a propriedade de levantamento à esquerda com relação a \mathcal{A}** se todo quadrado comutativo como abaixo,

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ f \downarrow & & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

onde $p : X \rightarrow Y$ pertence a \mathcal{A} , admite um levantamento, ou seja, existe um morfismo $h : B \rightarrow X$ que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ f \downarrow & \nearrow h & \downarrow p \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

Dualmente, dizemos que um morfismo $g : X \rightarrow Y$ **satisfaz a propriedade de levantamento à direita com relação a \mathcal{A}** se todo quadrado comutativo como abaixo,

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & & \downarrow g \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

onde $i : A \rightarrow B$ pertence a \mathcal{A} , admite um levantamento $h : B \rightarrow X$ como mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \longrightarrow & X \\ i \downarrow & \nearrow h & \downarrow g \\ B & \longrightarrow & Y \end{array}$$

Tendo a definição acima em mãos, podemos formular uma noção categórica de fatoração geral o suficiente para englobar a situação que aparece no estudo de categorias modelo.

1.5 Definição. Um **sistema de fatoração fraco** em uma categoria \mathbf{C} consiste de um par $(\mathcal{L}, \mathcal{R})$, onde $\mathcal{L}, \mathcal{R} \subseteq \text{Mor}(\mathbf{C})$ são duas classes de morfismos, satisfazendo as seguintes condições:

- (i) Todo morfismo $f \in \text{Mor}(\mathbf{C})$ pode ser escrito na forma $f = f_L \circ f_R$ com $f_L \in \mathcal{L}$ e $f_R \in \mathcal{R}$;

$$\begin{array}{ccccc} X & \xrightarrow{f_L \in \mathcal{L}} & Y & \xrightarrow{f_R \in \mathcal{R}} & Z \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & f & & \end{array}$$

- (ii) \mathcal{L} consiste precisamente dos morfismos de \mathbf{C} que satisfazem a propriedade de levantamento à esquerda com relação a \mathcal{R} ;
- (iii) \mathcal{R} consiste precisamente dos morfismos de \mathbf{C} que satisfazem a propriedade de levantamento à direita com relação a \mathcal{L} .

Os principais exemplos de sistemas de fatoração fracos nos quais estaremos interessados envolvem as cofibrações e fibrações triviais em uma categoria modelo, embora talvez ainda não seja claro como essas classes dão origem a um sistema de fatoração. Antes de detalharmos esse exemplo, entretanto, vamos demonstrar algumas propriedades gerais de sistemas de fatoração fracos.

1.6 Proposição. *Suponha que $(\mathcal{L}, \mathcal{R})$ seja um sistema de fatoração fraco em uma categoria \mathbf{C} . Valem as seguintes propriedades:*

1. *Ambas as classes contêm todos os isomorfismos de \mathbf{C} .*
2. *Ambas as classes são fechadas por composição.*
3. *Ambas as classes são fechadas por retratos na categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{C})$.*
4. *\mathcal{L} é fechada pela formação de pushouts, enquanto \mathcal{R} é fechada pela formação de pullbacks.*

5. \mathcal{L} é fechada por coprodutos, enquanto \mathcal{R} é fechada por produtos.

Demonstração. 1. Suponha que $f : A \rightarrow B$ seja um isomorfismo. Sabemos da definição de sistema de fatoração fraco que \mathcal{L} consiste precisamente dos morfismos de \mathcal{C} que satisfazem a propriedade de levantamento à esquerda com relação a \mathcal{R} . Considere então um quadrado comutativo como abaixo, onde $g : X \rightarrow Y$ é um morfismo pertencente à classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

Sendo f um isomorfismo por hipótese, podemos considerar o morfismo inverso $f^{-1} : B \rightarrow A$, e definir então um morfismo $h : B \rightarrow X$ por meio da composição $h := \alpha \circ f^{-1}$. Note então que por um lado

$$h \circ f = \alpha \circ f^{-1} \circ f = \alpha \circ \text{id}_A = \alpha,$$

e por outro

$$g \circ h = g \circ \alpha \circ f^{-1} = \beta \circ f \circ f^{-1} = \beta \circ \text{id}_B = \beta;$$

mostando que h faz comutar o diagrama abaixo, definindo então um levantamento para o quadrado comutativo original.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & \nearrow h & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

A demonstração de que \mathcal{R} contém todos os isomorfismos é análoga. Se $g : X \rightarrow Y$ é um isomorfismo, considere o quadrado comutativo abaixo onde $f : A \rightarrow B$ pertence à classe \mathcal{L} .

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

Dessa vez definimos um morfismo $h : B \rightarrow Y$ pela composição $h := g^{-1} \circ \beta$, e notamos que esse morfismo satisfaz a igualdade

$$g \circ h = g \circ g^{-1} \circ \beta = \text{id}_Y \circ \beta = \beta,$$

e também a igualdade

$$h \circ f = g^{-1} \circ \beta \circ f = g^{-1} \circ g \circ \alpha = \text{id}_X \circ \alpha = \alpha;$$

portanto h define um levantamento neste caso também.

2. Suponha que $f_1 : A \rightarrow B$ e $f_2 : B \rightarrow C$ sejam dois morfismos pertencentes à classe \mathcal{L} . A fim de mostrarmos que sua composição $f_2 \circ f_1 : A \rightarrow C$ também pertence a \mathcal{L} , vamos mostrar que essa composição satisfaz a condição de levantamento à esquerda com relação a \mathcal{R} . Considere então um quadrado comutativo como abaixo, onde $g : X \rightarrow Y$ pertence à classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f_2 \circ f_1 \downarrow & & \downarrow g \\ C & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

A partir do quadrado acima podemos obter o quadrado comutativo mostrado abaixo, o qual admite um levantamento $h_1 : B \rightarrow Y$ pois $f_1 \in \mathcal{L}$.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f_1 \downarrow & \nearrow h_1 & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{\beta \circ f_2} & Y \end{array}$$

Usando o levantamento h_1 obtemos um terceiro quadrado comutativo como mostrado abaixo, o qual admite um levantamento $h_2 : C \rightarrow X$ pois $f_2 \in \mathcal{L}$.

$$\begin{array}{ccc} B & \xrightarrow{h_1} & X \\ f_2 \downarrow & \nearrow h_2 & \downarrow g \\ C & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

Afirmamos que $h_2 : C \rightarrow X$ define também um levantamento para o quadrado comutativo considerado inicialmente. De fato, por um lado a igualdade $g \circ h_2 = \beta$ segue diretamente da comutatividade do último quadrado acima, e por outro temos a sequência de igualdades

$$h_2 \circ f_2 \circ f_1 = h_1 \circ f_1 = \alpha;$$

portanto h_2 satisfaz as condições de comutatividades necessárias.

A demonstração da segunda parte é análoga. Suponha que $g_1 : X \rightarrow Y$ e $g_2 : Y \rightarrow Z$ sejam dois morfismos pertencentes à classe \mathcal{R} , e considere o quadrado comutativo abaixo, onde $f : A \rightarrow B$ pertence à classe \mathcal{L} .

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & & \downarrow g_2 \circ g_1 \\ B & \xrightarrow{\beta} & Z \end{array}$$

Considere então o quadrado comutativo abaixo, o qual admite um levantamento $h_2 : B \rightarrow Y$ pois g_2 pertence a \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{g_1 \circ \alpha} & Y \\ f \downarrow & \nearrow h_2 & \downarrow g_2 \\ B & \xrightarrow{\beta} & Z \end{array}$$

Usando h_2 consideramos então o quadrado comutativo abaixo, o qual também admite um levantamento $h_1 : B \rightarrow X$ pois $g_1 \in \mathcal{R}$.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \downarrow & \nearrow h_1 & \downarrow g_1 \\ B & \xrightarrow{h_2} & Y \end{array}$$

O morfismo h_1 é precisamente o procurado, já que por um lado a igualdade $h_1 \circ f = \alpha$ segue diretamente da comutatividade acima, e por outro temos a sequência de igualdades

$$g_2 \circ g_1 \circ h_1 = g_2 \circ h_2 = \beta;$$

mostrando então que h_1 define um levantamento para o quadrado comutativo inicial.

3. Suponha que o morfismo $f : A \rightarrow B$ seja um retrato do morfismo $g : X \rightarrow Y$ o qual pertence à classe \mathcal{L} . Temos então por definição o diagrama comutativo abaixo

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_A & & \\
 & \curvearrowright & & \curvearrowleft & \\
 A & \xrightarrow{s_1} & X & \xrightarrow{r_1} & A \\
 f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow f \\
 B & \xrightarrow{s_2} & Y & \xrightarrow{r_2} & B \\
 & \curvearrowleft & & \curvearrowright & \\
 & & \text{id}_B & &
 \end{array}$$

A fim de mostrarmos que f também pertence a \mathcal{L} , considere o quadrado comutativo abaixo onde $p : P \rightarrow Q$ é um morfismo qualquer da classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc}
 A & \xrightarrow{\alpha} & P \\
 f \downarrow & & \downarrow p \\
 B & \xrightarrow{\beta} & Q
 \end{array}$$

A partir deste quadrado e do diagrama anterior produzimos o quadrado comutativo, o qual admite um levantamento $h : Y \rightarrow P$ já que $g \in \mathcal{L}$ por hipótese.

$$\begin{array}{ccc}
 X & \xrightarrow{\alpha \circ r_1} & P \\
 g \downarrow & \nearrow h & \downarrow p \\
 Y & \xrightarrow{\beta \circ r_2} & Q
 \end{array}$$

Afirmamos então que o morfismo $H : B \rightarrow P$ dado pela composição $H := h \circ s_2$ define um levantamento para o quadrado inicial. De fato, por um lado temos

$$H \circ f = h \circ s_2 \circ f = h \circ g \circ s_1 = \alpha \circ r_1 \circ s_1 = \alpha \circ \text{id}_A = \alpha,$$

e por outro temos também

$$p \circ H = p \circ h \circ s_2 = \beta \circ r_2 \circ s_2 = \beta \circ \text{id}_B = \beta.$$

Supondo ainda que f seja um retrato de g , considere agora o caso em que g pertence à classe \mathcal{R} . A fim de mostrarmos que f também pertence a \mathcal{R} , considere o quadrado comutativo abaixo onde $j : M \rightarrow N$ é um morfismo qualquer da classe \mathcal{L} .

$$\begin{array}{ccc}
 M & \xrightarrow{\varphi} & A \\
 j \downarrow & & \downarrow f \\
 N & \xrightarrow{\psi} & B
 \end{array}$$

A partir disso obtemos o quadrado comutativo abaixo, o qual admite um levantamento $h : N \rightarrow X$ pois g pertence à classe \mathcal{R} por hipótese.

$$\begin{array}{ccc}
 M & \xrightarrow{s_1 \circ \varphi} & X \\
 j \downarrow & \nearrow h & \downarrow g \\
 N & \xrightarrow{s_2 \circ \psi} & Y
 \end{array}$$

Afirmamos então que $H : N \rightarrow A$ definido por $H := r_1 \circ h$ é o levantamento procurado para o quadrado considerado inicialmente. De fato, por um lado temos as igualdades

$$H \circ j = r_1 \circ h \circ j = r_1 \circ s_1 \circ \varphi = \text{id}_A \circ \varphi = \varphi,$$

e por outro temos também as igualdades

$$f \circ H = f \circ r_1 \circ h = r_2 \circ g \circ h = r_2 \circ s_2 \circ \psi = \text{id}_B \circ \psi = \psi.$$

4. Suponha que $f : X_1 \rightarrow Y_1$ pertença a \mathcal{L} e que o quadrado comutativo abaixo seja um pushout em \mathcal{C} .

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array}$$

Nosso objetivo é mostrar que então g também pertence a \mathcal{L} , e com esse intuito consideramos o problema de levantamento abaixo, onde $p : P \rightarrow Q$ é um morfismo qualquer na classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} X_2 & \xrightarrow{\varphi} & P \\ g \downarrow & & \downarrow p \\ Y_2 & \xrightarrow{\psi} & Q \end{array}$$

Note primeiro que o quadrado comutativo abaixo admite um levantamento $h : Y_1 \rightarrow P$ pois $f \in \mathcal{L}$ por hipótese.

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\varphi \circ \alpha} & P \\ f \downarrow & \nearrow h & \downarrow p \\ Y_1 & \xrightarrow{\psi \circ \beta} & Q \end{array}$$

A igualdade $h \circ f = \varphi \circ \alpha$ nos permite então usar a hipótese de que temos um pushout para obtermos um morfismo $H : Y_2 \rightarrow P$ que faz comutar todo o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array} \quad \begin{array}{c} \searrow \varphi \\ \vdots H \\ \swarrow h \end{array} \quad \begin{array}{c} P \\ \downarrow p \\ Q \end{array}$$

Afirmamos que o morfismo H obtido dessa maneira é o levantamento procurado. Note primeiro que a igualdade $H \circ g = \varphi$ segue imediatamente da comutatividade acima. Já a igualdade $p \circ H = \psi$ requer um pouco mais de trabalho. Repare com carinho que estes dois morfismos fazem comutar o diagrama abaixo,

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array} \quad \begin{array}{c} \searrow p \circ \varphi \\ \vdots p \circ H \\ \swarrow \psi \end{array} \quad \begin{array}{c} P \\ \downarrow p \\ Q \end{array}$$

mas como o quadrado que aparece neste diagrama é um pushout, sua propriedade universal garante que existe um único morfismo do tipo $Y_2 \rightarrow Q$ que faça tudo comutar, portanto deve valer a igualdade $p \circ H = \psi$.

A demonstração de que morfismos em \mathcal{R} são preservados por pullbacks é novamente análoga. Suponha agora que o quadrado comutativo abaixo seja um pullback e que o morfismo $g : X_2 \rightarrow Y_2$ seja pertence a \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ f \downarrow & & \downarrow g \\ Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array}$$

A fim de mostrarmos que f também pertence a \mathcal{R} , consideramos o problema de levantamento abaixo, onde $j : M \rightarrow N$ é um morfismo qualquer pertencente à classe \mathcal{L} .

$$\begin{array}{ccc} M & \xrightarrow{\varphi} & X_1 \\ j \downarrow & & \downarrow f \\ N & \xrightarrow{\psi} & Y_1 \end{array}$$

Colando estes dois quadrados obtemos o quadrado comutativo abaixo, o qual admite um levantamento $h : N \rightarrow X_2$ pois $g \in \mathcal{R}$ por hipótese.

$$\begin{array}{ccc} M & \xrightarrow{\alpha \circ \varphi} & X_2 \\ j \downarrow & \nearrow h & \downarrow g \\ N & \xrightarrow{\beta \circ \psi} & Y_2 \end{array}$$

A estratégia para obtermos um morfismo do tipo $N \rightarrow X_1$ é usarmos a propriedade universal do pullback. A igualdade $h \circ j = \alpha \circ \varphi$ implicada pela comutatividade acima diz que a “camada externa” do diagrama abaixo comuta, portanto segue da propriedade universal do pullback que existe um único morfismo do tipo $H : N \rightarrow X_1$ fazendo comutar o diagrama todo.

$$\begin{array}{ccccc} N & & \xrightarrow{h} & & X_2 \\ & \searrow H & & \nearrow \alpha & \\ & & X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ & \searrow \psi & \downarrow f & & \downarrow g \\ & & Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array}$$

Resta mostrarmos que H é o levantamento procurado para o quadrado comutativo inicial. A igualdade $f \circ H = \psi$ segue imediatamente da comutatividade acima. Analogamente ao que ocorreu no caso do pushout, a fim de mostrarmos que a igualdade $H \circ j = \varphi$ também vale, precisamos utilizar a unicidade na propriedade universal do pullback. Ambos os morfismos $H \circ j$ e φ fazem comutar o diagrama abaixo,

$$\begin{array}{ccccc} M & & \xrightarrow{\alpha \circ \varphi} & & X_2 \\ & \searrow H \circ j & & \nearrow \alpha & \\ & \searrow \varphi & X_1 & \xrightarrow{\alpha} & X_2 \\ & \searrow f \circ \varphi & \downarrow f & & \downarrow g \\ & & Y_1 & \xrightarrow{\beta} & Y_2 \end{array}$$

mas a propriedade universal do pullback garante a existência de um único morfismo do tipo $M \rightarrow X_1$ fazendo comutar o diagrama acima, de onde podemos concluir enfim que a igualdade $H \circ j = \varphi$ deve ser verdadeira.

5. Suponha que $f : A_1 \rightarrow B_1$ e $g : A_2 \rightarrow B_2$ sejam dois morfismos que pertençam a \mathcal{L} . A fim de mostrarmos que seu coproduto $f \sqcup g : A_1 \sqcup A_2 \rightarrow B_1 \sqcup B_2$ também pertence a \mathcal{L} , basta mostrarmos que o problema de levantamento abaixo admite uma solução, onde $p : X \rightarrow Y$ é um morfismo qualquer na classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} A_1 \sqcup A_2 & \xrightarrow{\alpha} & X \\ f \sqcup g \downarrow & & \downarrow p \\ B_1 \sqcup B_2 & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

Se $i_1 : A_1 \rightarrow A_1 \sqcup A_2$, $i_2 : A_2 \rightarrow A_1 \sqcup A_2$, $j_1 : B_1 \rightarrow B_1 \sqcup B_2$ e $j_2 : B_2 \rightarrow B_1 \sqcup B_2$ denotam as várias inclusões canônicas nos respectivos coprodutos, lembre-se que $f \sqcup g$ é por definição o único mapa do tipo $A_1 \sqcup A_2 \rightarrow B_1 \sqcup B_2$ que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A_1 & \xrightarrow{f} & B_1 \\ i_1 \downarrow & & \downarrow j_1 \\ A_1 \sqcup A_2 & \xrightarrow{f \sqcup g} & B_1 \sqcup B_2 \\ i_2 \uparrow & & \uparrow j_2 \\ A_2 & \xrightarrow{g} & B_2 \end{array}$$

A partir do quadrado comutativo inicial obtemos o quadrado comutativo abaixo o qual admite um levantamento pois $f \in \mathcal{L}$ por hipótese.

$$\begin{array}{ccc} A_1 & \xrightarrow{\alpha \circ i_1} & X \\ f \downarrow & \nearrow h_1 & \downarrow p \\ B_1 & \xrightarrow{\beta \circ j_1} & Y \end{array}$$

Veja que o quadrado é realmente comutativo pois

$$\beta \circ j_1 \circ f = \beta \circ (f \sqcup g) \circ i_1 = p \circ \alpha \circ i_1.$$

Analogamente, temos também o quadrado comutativo abaixo que admite um levantamento pelo fato que $g \in \mathcal{L}$ também.

$$\begin{array}{ccc} A_2 & \xrightarrow{\alpha \circ i_2} & X \\ g \downarrow & \nearrow h_2 & \downarrow p \\ B_2 & \xrightarrow{\beta \circ j_2} & Y \end{array}$$

Combinando estes dois levantamentos obtemos por meio da propriedade universal do coproduto um morfismo $\langle h_1, h_2 \rangle : B_1 \sqcup B_2 \rightarrow X$ o qual afirmamos ser o levantamento procurado para o quadrado original. Por um lado, a fim de mostrarmos a igualdade

$$p \circ \langle h_1, h_2 \rangle = \beta,$$

pela unicidade na propriedade universal do coproduto basta mostrarmos as duas igualdades abaixo,

$$\begin{cases} p \circ \langle h_1, h_2 \rangle \circ j_1 = \beta \circ j_1, \\ p \circ \langle h_1, h_2 \rangle \circ j_2 = \beta \circ j_2; \end{cases}$$

mas pelas propriedades dos morfismos envolvidos vemos que

$$p \circ \langle h_1, h_2 \rangle \circ j_1 = p \circ h_1 = \beta \circ j_1,$$

sendo que a segunda igualdade segue de uma sequência análoga de igualdades.

Já a igualdade $\langle h_1, h_2 \rangle \circ (f \sqcup g) = \alpha$ seguirá também da unicidade na propriedade do coproduto se mostrarmos as igualdades

$$\begin{cases} \langle h_1, h_2 \rangle \circ (f \sqcup g) \circ i_1 = \alpha \circ i_1, \\ \langle h_1, h_2 \rangle \circ (f \sqcup g) \circ i_2 = \alpha \circ i_2. \end{cases}$$

No primeiro caso basta vermos que

$$\langle h_1, h_2 \rangle \circ (f \sqcup g) \circ i_1 = \langle h_1, h_2 \rangle \circ j_1 \circ f = h_1 \circ f = \alpha \circ i_1,$$

enquanto no segundo caso temos uma sequência análoga de igualdades.

A demonstração para o produto de morfismos na classe \mathcal{R} é dual. Suponha que $f : X_1 \rightarrow Y_1$ e $g : X_2 \rightarrow Y_2$ sejam dois morfismos da classe \mathcal{R} . A fim de mostrarmos que o produto $f \times g : X_1 \times X_2 \rightarrow Y_1 \times Y_2$ também pertence a \mathcal{R} , consideramos um morfismo $i : A \rightarrow B$ qualquer na classe \mathcal{L} , e procuramos uma solução para o problema de levantamento mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X_1 \times X_2 \\ i \downarrow & & \downarrow f \times g \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y_1 \times Y_2 \end{array}$$

Se $p_1 : X_1 \times X_2 \rightarrow X_1$, $p_2 : X_1 \times X_2 \rightarrow X_2$, $q_1 : Y_1 \times Y_2 \rightarrow Y_1$ e $q_2 : Y_1 \times Y_2 \rightarrow Y_2$ denotam as projeções canônicas dos respectivos produtos, lembre-se que o morfismo $f \times g$ é por definição o único morfismo do tipo $X_1 \times X_2 \rightarrow Y_1 \times Y_2$ que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X_1 & \xrightarrow{f} & Y_1 \\ p_1 \uparrow & & \uparrow q_1 \\ X_1 \times X_2 & \xrightarrow{f \times g} & Y_1 \times Y_2 \\ p_2 \downarrow & & \downarrow q_2 \\ Y_1 & \xrightarrow{g} & Y_2 \end{array}$$

Usando o quadrado comutativo inicial obtemos os dois problemas de levantamento indicados abaixo, os quais possuem soluções h_1 e h_2 pois f e g pertencem à classe \mathcal{R} por hipótese.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{p_1 \circ \alpha} & X_1 \\ i \downarrow & \nearrow h_1 & \downarrow f \\ B & \xrightarrow{q_1 \circ \beta} & Y_1 \end{array} \quad \begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{p_2 \circ \alpha} & X_2 \\ i \downarrow & \nearrow h_2 & \downarrow g \\ B & \xrightarrow{q_2 \circ \beta} & Y_2 \end{array}$$

Os morfismos h_1 e h_2 combinados induzem o morfismo $(h_1, h_2) : B \rightarrow X_1 \times X_2$, o qual afirmamos ser uma solução para o problema de levantamento considerado inicialmente. De fato, temos as igualdades

$$p_1 \circ (h_1, h_2) \circ i = h_1 \circ i = p_1 \circ \alpha,$$

e também as igualdades

$$p_2 \circ (h_1, h_2) \circ i = h_2 \circ i = p_2 \circ \alpha,$$

e juntas essas duas implicam a igualdade $(h_1, h_2) \circ i = \alpha$ desejada. Por fim, usando a comutatividade do diagrama que caracteriza o produto $q_1 \times q_2$ vemos que também valem as igualdades

$$q_1 \circ (f \times g) \circ (h_1, h_2) = f \circ p_1 \circ (h_1, h_2) = f \circ h_1 = q_1 \circ \beta$$

e as igualdades

$$q_2 \circ (f \times g) \circ (h_1, h_2) = g \circ p_2 \circ (h_1, h_2) = g \circ h_2 = q_2 \circ \beta;$$

e juntas essas igualdades implicam $(f \times g) \circ (h_1, h_2) = \beta$ como desejado. ■

Agora mostramos como podemos usar a estrutura de uma categoria modelo para construirmos enfim exemplos um pouco mais concretos de sistemas de fatoração fracos.

1.7 Proposição. *Suponha que $(M, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ seja uma categoria modelo. As seguintes afirmações são verdadeiras:*

1. $(\mathcal{C} \cap \mathcal{W}, \mathcal{F})$ define um sistema de fatoração fraco em M ;
2. $(\mathcal{C}, \mathcal{F} \cap \mathcal{W})$ define um sistema de fatoração fraco em M .

Demonstração. 1. O axioma de fatoração (M5) garante que, dado qualquer morfismo $f : X \rightarrow Y$ em M , existe uma cofibração trivial $j : X \xrightarrow{\sim} \tilde{Y}$ e uma fibração $q : \tilde{Y} \twoheadrightarrow Y$ que fatoram f como indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} X & \xrightarrow{j} & \tilde{Y} & \xrightarrow{q} & Y \\ & \searrow \sim & & \nearrow & \\ & & f & & \end{array}$$

Isso significa que o par de classes de morfismos $(\mathcal{C} \cap \mathcal{W}, \mathcal{F})$ satisfaz a primeira condição de um sistema de fatoração fraco.

Resta mostrarmos que $\mathcal{C} \cap \mathcal{W}$ e \mathcal{F} definem um ao outro por meio de propriedades de levantamento. Note que o axioma de levantamento (M4) garante que toda fibração satisfaz a propriedade de levantamento à direita com relação à classe $\mathcal{C} \cap \mathcal{W}$ das cofibrações triviais. Reciprocamente, suponha que $f : X \rightarrow Y$ satisfaça a propriedade de levantamento à direita com relação à classe das cofibrações triviais. Queremos mostrar que isso garante que f seja uma fibração, e como o únicos axiomas que temos para lidar com fibrações são os de retração e fatoração, não é surpresa que a estratégia da demonstração seja combinarmos esses dois axiomas com a hipótese de levantamento sobre f .

Usando o axioma de fatoração podemos obter uma cofibração trivial $j : X \xrightarrow{\sim} \tilde{Y}$ e uma fibração $q : \tilde{Y} \twoheadrightarrow Y$ tais que $f = q \circ j$. Essa igualdade também pode ser expressa em termos do quadrado comutativo abaixo, o qual admite um levantamento $h : \tilde{Y} \rightarrow X$ já que f satisfaz a propriedade de levantamento à direita com relação às cofibrações triviais.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X \\ j \downarrow \wr & \nearrow h & \downarrow f \\ \tilde{Y} & \xrightarrow{q} & Y \end{array}$$

Podemos organizar estes morfismos todos no diagrama comutativo mostrado abaixo,

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow[\sim]{j} & \tilde{Y} & \xrightarrow{h} & X \\
 f \downarrow & & \downarrow q & & \downarrow f \\
 Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y \\
 & \nwarrow & & \nearrow & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

o qual mostra que f é uma retração da fibração q na categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{M})$ e, portanto, uma fibração também.

Vejamos agora a descrição das cofibrações triviais em termos das fibrações. Note inicialmente que o axioma de levantamento (M4) mais uma vez já garante que toda cofibração trivial satisfaz a propriedade de levantamento à esquerda com relação à classe de fibrações, a questão aqui é mostrar que essa propriedade de levantamento *caracteriza* as cofibrações triviais. Suponha então que $f : X \rightarrow Y$ satisfaça a propriedade de levantamento à esquerda com relação às fibrações. Como a classe $\mathcal{C} \cap \mathcal{W}$ é fechada por retrações, pois tanto \mathcal{C} quanto \mathcal{W} o são, basta mostrarmos que f é uma retração de uma cofibração trivial. Novamente consideramos a fatoração abaixo em termos de uma cofibração trivial seguida de uma fibração.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & f & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow[\sim]{j} & \tilde{Y} & \xrightarrow{q} & Y
 \end{array}$$

A condição $f = q \circ j$ pode ser expressa em termos do quadrado comutativo abaixo, e tal quadrado admite um levantamento $h : Y \rightarrow \tilde{Y}$ pois f por hipótese satisfaz a condição de levantamento à esquerda com relação às fibrações.

$$\begin{array}{ccc}
 X & \xrightarrow[\sim]{j} & \tilde{Y} \\
 f \downarrow & \nearrow h & \downarrow q \\
 Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y
 \end{array}$$

Os morfismos todos em questão podem então ser combinados no diagrama comutativo abaixo que expressa f como uma retração da cofibração trivial j como queríamos.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X \\
 f \downarrow & & \downarrow j & & \downarrow f \\
 Y & \xrightarrow{h} & \tilde{Y} & \xrightarrow{q} & Y \\
 & \nwarrow & & \nearrow & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

2. Novamente pelo axioma de fatoração (M5) podemos fatorar um morfismo $f : X \rightarrow Y$ qualquer de \mathbf{M} da forma indicada abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & f & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow{i} & \hat{X} & \xrightarrow[p]{\sim} & Y
 \end{array} \tag{1}$$

Em outras palavras, o par $(\mathcal{C}, \mathcal{F} \cap \mathcal{W})$ satisfaz a primeira condição na definição de sistema de fatoraçoão fraco. Resta verificarmos que as classes se definem mutuamente em termos de propriedades de levantamento.

Inicialmente, sabemos do axioma de levantamento (M4) que toda cofibraçoão satisfaz a propriedade de levantamento à esquerda com relação à classe das fibraçoões triviais. Suponha agora que $f : X \rightarrow Y$ satisfaça tal propriedade de levantamento, e vamos então mostrar que f é necessariamente uma cofibraçoão trivial também, o que como nos dois casos anteriores será feito por meio do axioma de retraçoão. A condição $f = p \circ i$ pode ser expressa pela comutatividade do quadrado abaixo, e a condição de levantamento sobre f nos permite obter o mapa $h : Y \rightarrow \widehat{X}$ indicado.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{i} & \widehat{X} \\ f \downarrow & \nearrow h & \downarrow p \\ Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y \end{array}$$

Usando os morfismos à disposição construímos o diagrama abaixo expressando f como uma retraçoão da cofibraçoão i , de onde concluímos que f é também uma cofibraçoão.

$$\begin{array}{ccccc} & & \text{id}_X & & \\ & \nearrow & & \searrow & \\ X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X \\ f \downarrow & & \downarrow i & & \downarrow f \\ Y & \xrightarrow{h} & \widehat{X} & \xrightarrow{\sim p} & Y \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & \text{id}_Y & & \end{array}$$

Por fim, resta apenas mostrarmos que as fibraçoões triviais são precisamente os morfismos satisfazendo a condição de levantamento à direita com relação às cofibraçoões. O axioma de levantamento (M4) nos diz que toda fibraçoão trivial satisfaz tal propriedade de levantamento, a questão é justamente a recíproca. Suponha então que $f : X \rightarrow Y$ satisfaça essa propriedade também, e seguindo a notação da fatoraçoão em (1), considere o quadrado comutativo abaixo, e o mapa $h : \widehat{X} \rightarrow X$ obtido da hipótese feita sobre f .

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\text{id}_X} & X \\ i \downarrow & \nearrow h & \downarrow f \\ \widehat{X} & \xrightarrow{\sim p} & Y \end{array}$$

Como o leitor já há muito deve ter previsto, combinando todos esses ingredientes obtemos o diagrama comutativo abaixo exibindo f como uma retraçoão da fibraçoão trivial p , o que nos permite concluir enfim que f é também uma fibraçoão trivial.

$$\begin{array}{ccccc} & & \text{id}_X & & \\ & \nearrow & & \searrow & \\ X & \xrightarrow{i} & \widehat{X} & \xrightarrow{h} & X \\ f \downarrow & & \downarrow p & & \downarrow f \\ Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y & \xrightarrow{\text{id}_Y} & Y \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & \text{id}_Y & & \end{array}$$

■

1.8 Observação. É comum dizer que os resultados da Proposição 1.7 mostram que a estrutura de uma categoria modelo é *sobredeterminada*, pois o conhecimento de duas das três classes de morfismos \mathcal{W} , \mathcal{C} e \mathcal{F} nos permite determinar totalmente a terceira. De fato, se conhecemos as classes \mathcal{W} e \mathcal{C} , então conhecemos também a classe das cofibrações triviais $\mathcal{C} \cap \mathcal{W}$, e da proposição anterior sabemos que \mathcal{F} pode ser descrita então como a classe dos morfismos que satisfazem a propriedade de levantamento à direita cmo relação a $\mathcal{C} \cap \mathcal{W}$. Analogamente, se conhecemos as classes \mathcal{W} e \mathcal{F} , então conhecemos a classe das fibrações triviais $\mathcal{F} \cap \mathcal{W}$, e pelo resultado anterior recuperamos \mathcal{C} como a classe dos morfismos que satisfazem a propriedade de levantamento à esquerda com relação a $\mathcal{F} \cap \mathcal{W}$. Fica a pergunta se as equivalências fracas podem ser recuperadas a partir das fibrações e cofibrações. A resposta é que em certo sentido sim, como mostra o próximo resultado, embora mais precisamente tenhamos que conhecer as fibrações e cofibrações triviais.

Essa propriedade de sobredeterminação é por vezes utilizada para *definirmos* uma estrutura modelo completa partindo apenas de alguns componentes de sua estrutura. Um exemplo onde esse fenômeno ocorre, e que abordaremos em detalhes mais tarde, é no estudo das categorias modelo *cofibrantemente geradas*, onde uma estrutura modelo é gerada a partir de uma coleção de morfismos que queremos considerar como cofibrações triviais. Um exemplo concreto é a estrutura modelo usual na categoria **Top**, onde a classe de cofibrações triviais inicial usada para gerar o resto das estruturas é o dos mapas $D^n \hookrightarrow D^n \times I$ incluindo o disco D^n na base inferior do cilindro associado.

Aplicando as propriedades gerais demonstradas na Proposição 1.6 aos sistemas explícitos construídos na Proposição 1.7 obtemos as propriedades abaixo a respeito dos vários tipos de morfismos em uma categoria modelo.

1.9 Corolário. *Em uma categoria modelo qualquer valem as seguintes propriedades:*

1. *Um isomorfismo é simultaneamente uma cofibração trivial e uma fibração trivial.*
2. *Cofibrações, cofibrações triviais, fibrações e fibrações triviais são todas preservadas por composições.*
3. *Cofibrações e cofibrações triviais são preservadas por pushouts, enquanto fibrações e fibrações triviais são preservadas por pullbacks.*
4. *Cofibrações e cofibrações triviais são preservadas por coprodutos, enquanto fibrações e fibrações triviais são preservadas por produtos.*

Por fim, temos o resultado simples abaixo mostrando como “detectar” equivalências fracas usando outras classes de morfismos.

1.10 Lema. *Em uma categoria modelo, um morfismo $f : X \rightarrow Y$ é uma equivalência fraca se, e somente se, ele pode ser fatorado como uma cofibração trivial seguida de uma fibração trivial.*

Demonstração. Uma das implicações é simples: se f pode ser fatorado na forma descrita no enunciado, então f é em particular a composição de duas equivalências fracas e, portanto, uma equivalência fraca também. Reciprocamente, se f é uma equivalência fraca, pelo axioma de fatoração podemos encontrar uma cofibração trivial $i : X \xrightarrow{\sim} \hat{X}$ e uma fibração $p : \hat{X} \twoheadrightarrow Y$ tais que $f = p \circ i$. Ora, como f e i são equivalências fracas, segue do axioma 2-de-3 que p também o é, ou seja, p é uma fibração trivial, e a fatoração $f = p \circ i$ exhibe f como uma cofibração trivial seguida de uma fibração trivial. ■

Encerramos essa subseção mostrando como os axiomas de uma categoria modelo também pode ser enunciados apenas em termos de sistemas de fatoração fracos.

1.11 Proposição. *Sejam \mathbf{M} uma categoria bicompleta e \mathcal{W} , \mathcal{C} e \mathcal{F} três classes de morfismos em \mathbf{M} . Suponha ainda que a classe \mathcal{W} satisfaça as seguintes condições:*

- (i) \mathcal{W} contém todos os isomorfismos;
- (ii) \mathcal{W} satisfaz a propriedade 2-de-3.

Nessas condições, as seguintes afirmações são equivalentes:

1. $(\mathbf{M}, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ é uma categoria modelo;
2. $(\mathcal{W} \cap \mathcal{C}, \mathcal{F})$ e $(\mathcal{C}, \mathcal{W} \cap \mathcal{F})$ são sistemas de fatoração fracos em \mathbf{M} .

Demonstração. A implicação $1 \implies 2$ é precisamente o conteúdo da Proposição 1.7.

Reciprocamente, suponha que os pares de classes $(\mathcal{W} \cap \mathcal{C}, \mathcal{F})$ e $(\mathcal{C}, \mathcal{W} \cap \mathcal{F})$ definam sistemas de fatoração fracos em \mathbf{M} , e vamos verificar então que os axiomas de uma categoria modelo são satisfeitos.

O axioma de completude (M1) e o axioma 2-de-3 (M2) seguem das hipóteses impostas no enunciado. Os axiomas de levantamento (M4) e de fatoração (M5) seguem diretamente das duas propriedades que definem um sistema de fatoração fraco. Resta apenas verificarmos então o axioma de retração (M3). Note que a validade deste para as classes de cofibrações e fibrações segue de uma aplicação direta do item (c) da Proposição 1.6 aos dois sistemas de fatoração fracos em questão. Falta então mostrarmos que a classe das equivalências fracas é também fechada por retrações, e isso será um tanto mais emocionante. Suponha que o morfismo $f : X \rightarrow Y$ seja retração de uma equivalência fraca $g : A \rightarrow B$ como mostrado no diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow{s_1} & A & \xrightarrow{r_1} & X \\
 f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow f \\
 Y & \xrightarrow{s_2} & B & \xrightarrow{r_2} & Y \\
 & \nwarrow & & \nearrow & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

Suponha inicialmente que f seja uma fibração. O morfismo g pode ser fatorado na forma $g = p \circ i$, onde $i : A \xrightarrow{\sim} C$ é uma cofibração trivial, e $p : C \rightarrow B$ é uma fibração. Note que, na verdade, a propriedade 2-de-3 garante que p é também uma equivalência fraca e, portanto, uma fibração trivial. Nosso primeiro objetivo é mostrar que f é uma retração de p , o que garante que f seja também uma fibração trivial pelo item (c) da Proposição 1.6 e em particular uma equivalência fraca. Como temos a sequência de igualdades

$$r_2 \circ p \circ i = r_2 \circ g = f \circ r_1,$$

o quadrado indicado abaixo é comutativo, e o fato de i ser uma cofibração trivial e f ser uma fibração garantem a existência do levantamento $r : C \rightarrow X$.

$$\begin{array}{ccc}
 A & \xrightarrow{r_1} & X \\
 i \downarrow & \nearrow r & \downarrow f \\
 C & \xrightarrow{r_2 \circ p} & Y
 \end{array}$$

Usando esse morfismo r construímos o diagrama comutativo abaixo, o qual expressa f como uma retração da fibração trivial p , conforme desejado.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow{i \circ s_1} & C & \xrightarrow{r} & X \\
 f \downarrow & & \downarrow p & & \downarrow p \\
 Y & \xrightarrow{s_2} & B & \xrightarrow{r_2} & Y \\
 & \nwarrow & & \nearrow & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

Voltemos agora ao caso geral onde $f : X \rightarrow Y$ é um morfismo qualquer. Sabemos da definição de um sistema de fatoração fraca que podemos escrever $f = q \circ j$, onde $j : X \rightarrow Z$ é uma cofibração trivial, e $q : Z \rightarrow Y$ é uma fibração. Lembrando que a categoria \mathcal{C} em questão é por hipótese bicompleta, podemos em particular formar o pushout do diagrama

$$\begin{array}{ccc}
 X & \xrightarrow{s_1} & A \\
 j \downarrow & \wr & \\
 Z & &
 \end{array}$$

de forma a obtermos o quadrado comutativo mostrado abaixo. Note que a propriedade (d) da Proposição 1.6 aplicado ao sistema de fatoração fraco $(\mathcal{C} \cap \mathcal{W}, \mathcal{F})$ garante que o morfismo J que aparece no pushout abaixo seja de fato uma cofibração trivial.

$$\begin{array}{ccc}
 X & \xrightarrow{s_1} & A \\
 j \downarrow & \wr & \downarrow J \\
 Z & \xrightarrow{s} & P
 \end{array}$$

Uma primeira aplicação da propriedade universal do pushout fornece um morfismo $R : P \rightarrow Z$ fazendo comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 X & \xrightarrow{s_1} & A & & \\
 j \downarrow & \wr & \downarrow J & & \\
 Z & \xrightarrow{s} & P & \xrightarrow{R} & Z \\
 & \searrow & \text{id}_Z & \nearrow & \\
 & & & &
 \end{array}$$

Agora, uma segunda aplicação da propriedade universal do pushout nos fornece o morfismo $Q : P \rightarrow B$ fazendo comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 X & \xrightarrow{s_1} & A & & \\
 j \downarrow & \wr & \downarrow J & & \\
 Z & \xrightarrow{s} & P & \xrightarrow{Q} & B \\
 & \searrow & s_2 \circ q & \nearrow & \\
 & & & &
 \end{array}$$

Os morfismos envolvendo o pushout construídos acima podem então ser combinados no diagrama comutativo mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \curvearrowright & & \curvearrowright & \\
 X & \xrightarrow{s_1} & A & \xrightarrow{r_1} & X \\
 \downarrow j \wr & & \downarrow \wr J & & \downarrow j \\
 Z & \xrightarrow{S} & P & \xrightarrow{R} & Z \\
 \downarrow q & & \downarrow \wr Q & & \downarrow q \\
 Y & \xrightarrow{s_2} & B & \xrightarrow{r_2} & Y \\
 & \curvearrowleft & & \curvearrowleft & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

Veja que a propriedade 2-de-3 garante que o morfismo Q é realmente uma equivalência fraca como indicado acima, pois J e g o são, e por construção temos a igualdade $Q \circ J = g$.

Temos que justificar ainda de alguma forma a comutatividade do quadrado inferior direito, mas vamos assumir isso momentaneamente e dar continuidade ao argumento. Como o morfismo R por construção satisfaz a igualdade $R \circ S = \text{id}_Z$, os dois quadrados comutativos inferiores exibem a fibração $q : Z \rightarrow Y$ como uma retração da equivalência fraca $Q : P \xrightarrow{\sim} B$, e o caso demonstrado anteriormente nos permite concluir então que q é na verdade uma fibração trivial, sendo em particular uma equivalência fraca também. Ora, segue da igualdade $f = q \circ j$ que f é a composição de duas equivalências fracas, sendo portanto uma equivalência fraca também conforme queríamos mostrar.

A fim de fecharmos a lacuna restante no argumento acima, note que a comutatividade do quadrado inferior direito segue imediatamente da unicidade na propriedade universal do pushout, já que os morfismos $q \circ R, r_2 \circ Q : P \rightarrow Y$ ambos fazem comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc}
 X & \xrightarrow{s_1} & A \\
 \downarrow j \wr & & \downarrow \wr J \\
 Z & \xrightarrow{S} & P \\
 & \searrow q & \downarrow q \circ R \\
 & & Y
 \end{array}$$

■

1.2 Fatorações funtoriais

Nessa subseção formalizamos a noção de uma fatoração funtorial de morfismos em uma categoria. O conceito de fatoração funtorial é um tanto peculiar: na teoria ele oferece uma vantagem para descrevermos certas construções, mas na prática o processo de fatoração funtorial pode não ser necessariamente o mais simples ou o mais vantajoso em uma dada situação.

Antes de definirmos uma fatoração propriamente dita, precisamos introduzir um outro tipo de categoria de setas relacionado à categoria $\text{Arr}(\mathbf{C})$ introduzida anteriormente. Dada então uma categoria \mathbf{C} qualquer, considere a categoria $\mathbf{C}^{[2]}$ cujos objetos são pares (g, f) de *setas componíveis* em \mathbf{C} , ou seja, morfismos satisfazendo a condição $\text{dom} g = \text{cod} f$, situação esta que

também representaremos pelo diagrama da forma abaixo.

$$\begin{array}{c} X \\ f \downarrow \\ Y \\ g \downarrow \\ Z \end{array}$$

Os morfismos em $\mathbf{C}^{[2]}$, como esperado, são triplas de morfismos horizontais fazendo comutar os dois quadrados evidentes. Mais precisamente, dados dois pares de setas componíveis (g, f) e (g', f') , um morfismo do tipo $(g, f) \rightarrow (g', f')$ em $\mathbf{C}^{[2]}$ é dado por uma tripla de morfismos $(\alpha : \text{dom } f \rightarrow \text{dom } f', \beta : \text{cod } f \rightarrow \text{cod } f', \gamma : \text{cod } g \rightarrow \text{cod } g')$ fazendo comutar o diagrama a seguir.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\alpha} & X' \\ f \downarrow & & \downarrow f' \\ Y & \xrightarrow{\beta} & Y' \\ g \downarrow & & \downarrow g' \\ Z & \xrightarrow{\gamma} & Z' \end{array}$$

A composição de morfismos é análoga àquela existente na categoria $\text{Arr}(\mathbf{C})$: colamos os dois pares de quadrados comutativos ao longo da “aresta” comum para obtermos um terceiro par de quadrados comutativos representando a composição dos dois morfismos.

1.12 Observação. A notação $\mathbf{C}^{[2]}$ escolhida para denotar a categoria introduzida acima não é por acaso. Lembre-se que todo conjunto parcialmente ordenado pode ser encarado como uma categoria. Quando fazemos isso com o conjunto parcialmente ordenado $\{0 \leq 1 \leq 2\}$, obtemos uma categoria comumente denotada por $[2]$, e que pode ser visualizada pictoricamente da forma abaixo (omitindo os morfismos identidade).

$$\begin{array}{ccccc} 0 & \xrightarrow{0 \leq 1} & 1 & \xrightarrow{1 \leq 2} & 2 \\ & \searrow & & \nearrow & \\ & & 0 \leq 2 & & \end{array}$$

A variante da categoria de setas que introduzimos anteriormente é então *precisamente* a categoria de funtores do tipo $[2] \rightarrow \mathbf{C}$, o que justifica o uso da notação $\mathbf{C}^{[2]}$. Note também que, se no lugar de $[2]$ considerarmos a categoria $[1]$ obtida a partir do conjunto parcialmente ordenado $0 \leq 1$, a qual está representada abaixo,

$$0 \xrightarrow{0 \leq 1} 1$$

então a categoria $\mathbf{C}^{[1]}$ formada por funtores do tipo $[1] \rightarrow \mathbf{C}$ é exatamente a categoria de setas usual $\text{Arr}(\mathbf{C})$ introduzida anteriormente.

Lembremos que a categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{C})$ vem equipada com os funtores domínio e codomínio $\text{dom}, \text{cod} : \text{Arr}(\mathbf{C}) \rightarrow \mathbf{C}$. Analogamente, a categoria de setas componíveis $\mathbf{C}^{[2]}$ vem equipada com três funtores $d_0, d_1, \text{comp} : \mathbf{C}^{[2]} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{C})$ que vamos agora definir. O funtor d_0 nos objetos registra o primeiro morfismo de um par componível, ou seja, $d_0(g, f) := f$, o que

podemos visualizar da forma indicada a seguir.

$$\begin{array}{ccc} X & & X \\ f \downarrow & \xrightarrow{d_0} & f \downarrow \\ Y & & Y \\ g \downarrow & & \\ Z & & \end{array}$$

Já nos morfismos, dado um morfismo $(\alpha, \beta, \gamma) : (g, f) \rightarrow (g', f')$, temos por definição $d_0(\alpha, \beta, \gamma) := (\alpha, \beta)$. Visualmente, d_0 seleciona o primeiro quadrado comutativo do par de quadrados comutativos que representa o morfismo (α, β, γ) em $\mathbf{C}^{[2]}$.

$$\begin{array}{ccc} X \xrightarrow{\alpha} X' & & X \xrightarrow{\alpha} X' \\ f \downarrow & \downarrow f' & f \downarrow \\ Y \xrightarrow{\beta} Y' & \xrightarrow{d_0} & Y \xrightarrow{\beta} Y' \\ g \downarrow & \downarrow g' & \\ Z \xrightarrow{\gamma} Z' & & \end{array}$$

O funtor d_1 é análogo: nos objetos ele seleciona o segundo morfismo do par componível, logo $d_1(g, f) := g$, e nos morfismos ele seleciona o segundo quadrado comutativo, de forma que $d_1(\alpha, \beta, \gamma) := (\beta, \gamma)$. Já o funtor $\text{comp} : \mathbf{C}^{[2]} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{C})$, como o nome muito sugere, é dado exatamente pela composição das setas componíveis. Dessa forma, nos objetos temos $\text{comp}(g, f) := g \circ f$,

$$\begin{array}{ccc} X & & X \\ f \downarrow & \xrightarrow{\text{comp}} & g \circ f \downarrow \\ Y & & Z \\ g \downarrow & & \\ Z & & \end{array}$$

enquanto nos morfismos temos $\text{comp}(\alpha, \beta, \gamma) := (\alpha, \gamma)$.

$$\begin{array}{ccc} X \xrightarrow{\alpha} X' & & X \xrightarrow{\alpha} X' \\ f \downarrow & \downarrow f' & g \circ f \downarrow \\ Y \xrightarrow{\beta} Y' & \xrightarrow{\text{comp}} & Z \xrightarrow{\gamma} Z' \\ g \downarrow & \downarrow g' & \\ Z \xrightarrow{\gamma} Z' & & \end{array}$$

Tendo introduzido a categoria $\mathbf{C}^{[2]}$, podemos enfim falar de fatorações functoriais.

1.13 Definição. Uma **fatoração functorial** em uma categoria \mathbf{C} é um funtor $\text{fac} : \text{Arr}(\mathbf{C}) \rightarrow \mathbf{C}^{[2]}$ que é uma seção do funtor de composição $\text{comp} : \mathbf{C}^{[2]} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{C})$, ou seja, que satisfaz a equação $\text{comp} \circ \text{fac} = \text{id}_{\text{Arr}(\mathbf{C})}$.

Vamos procurar entender o significado prático da existência de fatorações functoriais em uma categoria. O funtor fac associa a um morfismo $f : X \rightarrow Z$ em \mathbf{C} um par de morfismos (f_1, f_0)

cuja composição $f_1 \circ f_0$ deve ser igual ao morfismo f . Essa última igualdade garante então que tenhamos $\text{dom} f_0 = \text{dom} f = X$ e $\text{cod} f_1 = \text{cod} f = Z$. Se denotarmos $Y := \text{cod} f_0 = \text{dom} f_1$, temos a situação indicada abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & & X \\ f \downarrow & \xrightarrow{\sim} \text{fac} & f_0 \downarrow \\ Z & & Y \\ & & f_1 \downarrow \\ & & Z \end{array} \quad \begin{array}{c} \curvearrowright \\ f_1 \circ f_0 = f \end{array}$$

Dado outro morfismo $f' : X' \rightarrow Z'$, e um morfismo $(\alpha : X \rightarrow X', \gamma : Z \rightarrow Z')$ de f para f' em $\text{Arr}(\mathbf{C})$, a fatoração funtorial fac associa a esse morfismo do tipo $(f_1, f_0) \rightarrow (f'_1, f'_0)$ em $\mathbf{C}^{[2]}$, ou seja, uma tripla de morfismos $(\varphi : X \rightarrow X', \psi : Y \rightarrow Y', \theta : Z \rightarrow Z')$ fazendo comutar os dois quadrados adjacentes. Note que, como fac é uma seção de comp , devemos ter $(\alpha, \beta) = \text{comp}(\text{fac}(\alpha, \beta)) = \text{comp}(\varphi, \psi, \theta) = (\varphi, \theta)$, de forma que os morfismos α e β são em certo sentido preservados na fatoração funtorial, conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\alpha} & X' \\ f \downarrow & & \downarrow f' \\ Z & \xrightarrow{\beta} & Z' \end{array} \quad \xrightarrow{\sim} \text{fac} \quad \begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\alpha} & X' \\ f_0 \downarrow & & \downarrow f'_0 \\ Y & \xrightarrow{\psi} & Y' \\ f_1 \downarrow & & \downarrow f'_1 \\ Z & \xrightarrow{\beta} & Z' \end{array}$$

Por fim, introduzimos a noção de um sistema de fatoração fraca funtorial, a noção que será de fato de nosso interesse no estudo de categorias modelo.

1.14 Definição. Um sistema de fatoração fraco $(\mathcal{L}, \mathcal{R})$ uma categoria \mathbf{C} é dito **funtorial** se existe um funtor $\text{fac} : \text{Arr}(\mathbf{C}) \rightarrow \mathbf{C}^{[2]}$ satisfazendo as seguintes condições:

1. $\text{comp} \circ \text{fac} = \text{id}_{\text{Arr}(\mathbf{C})}$;
2. $d_0(\text{fac}(f)) \in \mathcal{L}$ e $d_1(\text{fac}(f)) \in \mathcal{R}$ para todo $f \in \text{Arr}(\mathbf{C})$.

A primeira condição acima diz simplesmente que o funtor fac define uma fatoração funtorial em \mathbf{C} , mas a segunda condição impõe que os morfismos que aparecem nessa fatoração interajam adequadamente com o sistema de fatoração fraco existente: o primeiro morfismo da fatoração deve necessariamente pertence à classe \mathcal{L} , enquanto o segundo deve necessariamente pertencer à classe \mathcal{R} .

$$\begin{array}{ccc} X & & X \\ f \downarrow & \xrightarrow{\sim} \text{fac} & f_0 \in \mathcal{L} \downarrow \\ Z & & Y \\ & & f_1 \in \mathcal{R} \downarrow \\ & & Z \end{array} \quad \begin{array}{c} \curvearrowright \\ f_1 \circ f_0 = f \end{array}$$

Muitos autores exigem que os sistemas de fatoração fracos $(\mathcal{C} \cap \mathcal{W}, \mathcal{F})$ e $(\mathcal{C}, \mathcal{F} \cap \mathcal{W})$ de uma categoria modelo sejam funtoriais no sentido acima. Isso nem sempre é estritamente necessário, mas é algo que facilita a nossa vida em alguns momentos. É importante comentar que, embora nem toda estrutura modelo admita fatorações funtoriais, uma grande parte delas admite, incluindo aquelas obtidas por meio do famigerado Argumento do Objeto Pequeno que estudaremos mais adiante.

2 Exemplos bobos e construções

O objetivo dessa seção é dar alguns exemplos de categorias modelo e descrever também algumas construções que podem ser feitas com tais categorias. Todos os exemplos que podemos dar por hora são extremamente simples e essencialmente inúteis. Em todos os exemplos úteis e relevantes de categorias modelo, a verificação dos axiomas é bastante trabalhosa.

2.1 Exemplo. Seja \mathcal{M} uma categoria bicompleta qualquer, considere \mathcal{W} como sendo a classe dos isomorfismos em \mathcal{C} , e considere \mathcal{C} e \mathcal{F} como sendo a classe de todos os morfismos. Afirmamos que nesse caso a tupla $(\mathcal{M}, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ define uma categoria modelo.

A validade do axioma (M1) segue da hipótese que fizemos sobre \mathcal{C} . Considere agora dois morfismos $f : X \rightarrow Y$ e $g : Y \rightarrow Z$ em \mathcal{C} . Se f e g pertencem a \mathcal{W} , ou seja, f e g são isomorfismos, então $g \circ f$ também pertence a \mathcal{W} , já que isomorfismos são preservados por composição. Agora, se f e $g \circ f$ pertencem a \mathcal{W} , a igualdade $g = (g \circ f) \circ f^{-1}$ expressa g como composição de dois isomorfismos, logo $g \in \mathcal{W}$. Por fim, se g e $g \circ f$ pertencem a \mathcal{W} , então $f = g^{-1} \circ (g \circ f)$ expressa f como composição de dois isomorfismos, portanto $f \in \mathcal{W}$. Isso mostra que \mathcal{W} satisfaz a propriedade 2-de-3.

A validade do axioma de retração é imediata para as classes \mathcal{C} e \mathcal{F} já que elas consistem de todos os morfismos. Suponha agora que $f : X \rightarrow Y$ seja uma retração do isomorfismo $g : A \rightarrow B$, de forma que tenhamos um diagrama comutativo como abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 & & \text{id}_X & & \\
 & \nearrow & & \searrow & \\
 X & \xrightarrow{s_1} & A & \xrightarrow{r_1} & X \\
 f \downarrow & & \downarrow g & & \downarrow f \\
 Y & \xrightarrow{s_2} & B & \xrightarrow{r_2} & Y \\
 & \searrow & & \nearrow & \\
 & & \text{id}_Y & &
 \end{array}$$

Afirmamos que, nesse caso, o morfismo $r_1 \circ g^{-1} \circ s_2$ é o inverso de f . De fato, por um lado temos

$$r_1 \circ g^{-1} \circ s_2 \circ f = r_1 \circ g^{-1} \circ g \circ s_1 = r_1 \circ \text{id}_A \circ s_1 = r_1 \circ s_1 = \text{id}_X,$$

enquanto por outro temos

$$f \circ r_1 \circ g^{-1} \circ s_2 = r_2 \circ g \circ g^{-1} \circ s_2 = r_2 \circ \text{id}_B \circ s_2 = r_2 \circ s_2 = \text{id}_Y.$$

Isso mostra que f é um isomorfismo também, portanto a classe \mathcal{W} é fechada por retrações.

Vamos checar agora o axioma de levantamento. No problema de levantamento abaixo,

$$\begin{array}{ccc}
 A & \xrightarrow{\alpha} & X \\
 i \downarrow \wr & & \downarrow p \\
 B & \xrightarrow{\beta} & Y
 \end{array}$$

dizer que i é uma cofibração trivial significa apenas dizer que i é um isomorfismo. Veja então que o morfismo $h : B \rightarrow X$ dado por $h := \alpha \circ i^{-1}$ soluciona o problema em questão pois

$$h \circ i = \alpha \circ i^{-1} \circ i = \alpha \circ \text{id}_A = \alpha,$$

e também

$$p \circ h = p \circ \alpha \circ i^{-1} = \beta \circ i \circ i^{-1} = \beta \circ \text{id}_B = \beta.$$

Considere agora o problema de levantamento abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A & \xrightarrow{\alpha} & X \\ \downarrow i & & \downarrow p \\ B & \xrightarrow{\beta} & Y \end{array}$$

Como no caso anterior, dizer que p é uma fibração trivial significa simplesmente dizer que p é um isomorfismo. Podemos então definir $h : B \rightarrow X$ pela composição $h := p^{-1} \circ \beta$, e afirmamos que com essa definição obtemos um levantamento. De fato, por um lado

$$p \circ h = p \circ p^{-1} \circ \beta = \text{id}_Y \circ \beta = \beta,$$

enquanto por outro

$$h \circ i = p^{-1} \circ \beta \circ i = p^{-1} \circ p \circ \alpha = \text{id}_X \circ \alpha = \alpha.$$

Resta agora mostrarmos a existência de fatorações, mas isso é bem simples pela forma como foram definidas as classes \mathcal{W} , \mathcal{C} e \mathcal{F} . Dado um morfismo $f : X \rightarrow Y$ qualquer, lembrando que as cofibrações triviais são os isomorfismos da categoria, e que as fibrações são todos os morfismos, a fatoração

$$f = f \circ \text{id}_X$$

exibe f como uma cofibração trivial seguida de uma fibração. Analogamente, como todo morfismo é uma cofibração, e todo isomorfismo é uma fibração trivial, a fatoração

$$f = \text{id}_Y \circ f$$

expressa f como uma cofibração seguida de uma fibração trivial.

3 Objetos fibrantes e cofibrantes

Nessa seção introduzimos o conceito de objetos cofibrantes e fibrantes. Estas duas classes de objetos em uma categoria modelo serão de extrema importância em diferentes pontos da teoria, como na construção de um modelo mais simples para a localização de uma categoria modelo e na descrição de uma noção puramente categórica de homotopia.

3.1 Definição. Sejam \mathbf{M} uma categoria modelo, $\emptyset \in \mathbf{M}$ um objeto inicial qualquer, e $*$ um objeto final qualquer.¹ Um objeto $X \in \mathbf{M}$ é dito **cofibrante** se o morfismo único $!_X : \emptyset \rightarrow X$ é uma cofibração, e é dito **fibrante** se o morfismo único $!_X : X \rightarrow *$ é uma fibração. Quando um objeto é simultaneamente cofibrante e fibrante, dizemos também que ele é **bifibrante**.

3.2 Observação. Veja que a noção de objeto cofibrante não depende do objeto inicial $\emptyset \in \mathbf{M}$ fixado acima. De fato, se \emptyset e \emptyset' são dois objetos iniciais, X é um objeto qualquer, podemos considerar o diagrama comutativo abaixo onde todos os morfismos são aqueles dados pela propriedade que caracteriza um objeto inicial.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & & \\ \downarrow !_{\emptyset'} & \searrow !_X & \\ \emptyset' & & X \end{array}$$

¹O fato de \mathbf{M} ser cocompleta e completa garante a existência de objetos iniciais e finais.

Como objetos iniciais possuem apenas a identidade como automorfismo, $!_{\emptyset'}$ e $!_{\emptyset}'$ são isomorfismos, sendo em particular cofibrações. Segue disso que $!_X : \emptyset \rightarrow X$ é uma cofibração se, e somente se, $!_X' : \emptyset' \rightarrow X$ também o é.

É claro que um raciocínio dual mostra que a noção de um objeto ser fibrante também depende do objeto final considerado na categoria modelo.

Vamos mostrar agora algumas propriedades simples a respeito de objetos cofibrantes e fibrantes.

3.3 Lema. *Em uma categoria modelo M qualquer valem as seguintes propriedades:*

- (a) *Se X é um objeto cofibrante, e $i : X \rightarrowtail Y$ é uma cofibração, então Y também é cofibrante.*
- (b) *Se Y é um objeto fibrante, e $p : X \twoheadrightarrow Y$ é uma fibração, então X também é fibrante.*

Demonstração. (a) Queremos mostrar que o morfismo $!_Y : \emptyset \rightarrow Y$ é uma cofibração. Ora, como esse morfismo é *único*, certamente vale a igualdade $!_Y = f \circ !_X$, e como $!_X : \emptyset \rightarrow X$ é por hipótese uma cofibração, $!_Y$ é a composição de duas cofibrações e, portanto uma cofibração também.

(b) Queremos mostrar que o morfismo $!_X : X \rightarrow *$ é uma fibração. Ora, como esse morfismo é *único*, certamente vale a igualdade $!_X = !_Y \circ p$, e como $!_Y : Y \rightarrow *$ é por hipótese uma fibração, vemos que $!_X$ é a composição de duas fibrações e, portanto, uma fibração também. ■

Veremos mais adiante que muitas construções categóricas usuais só se comportam de forma homotopicamente adequada quando aplicadas a objetos que são fibrantes ou cofibrantes. Assim, para que possamos realizar tais construções com objetos quaisquer, precisamos antes *substituí-los* por outros que sejam fibrantes ou cofibrantes, uma noção que tornamos precisa na definição abaixo.

3.4 Definição. Sejam M uma categoria modelo e $X \in M$ um objeto qualquer.

1. Uma **substituição cofibrante** para X é um par (X_c, φ) , onde X_c é um objeto cofibrante, e $\varphi : X_c \xrightarrow{\sim} X$ é uma equivalência fraca. Quando φ é também uma fibração, ou seja, quando φ é uma fibração trivial, dizemos que o par (X_c, φ) define uma substituição cofibrante forte.
2. Uma **substituição fibrante** para X é um par (X_f, ψ) , onde X_f é um objeto fibrante, e $\psi : X \xrightarrow{\sim} X_f$ é uma equivalência fraca. Quando ψ é também uma cofibração, ou seja, quando ψ é uma cofibração trivial, dizemos que o par (X_f, ψ) define uma substituição fibrante forte.

3.5 Observação. Em alguns trabalhos da Literatura, é comum se referir a uma aproximação cofibrante forte $X_c \xrightarrow{\sim} X$ como uma *aproximação cofibrante fibrante*. Perceba então que nessa terminologia o adjetivo cofibrante se refere ao objeto X_c , enquanto o adjetivo fibrante se refere ao morfismo $X_c \rightarrow X$. Analogamente, uma aproximação fibrante forte $X_f \xrightarrow{\sim} X$ é também chamada de uma *aproximação fibrante cofibrante*. Não usarei essa terminologia absolutamente horrível em nenhum outro lugar dessas notas, e na verdade espero muito que meu cérebro a esqueça o quanto antes.

Naturalmente somos levados a nos indagar quanto à existência e à unicidade de substituições cofibrantes e fibrantes, e são essas duas questões que iremos investigar agora.

3.6 Proposição. *As seguintes afirmações são válidas em uma categoria modelo M qualquer:*

1. *Todo objeto possui uma aproximação cofibrante forte e também uma aproximação fibrante forte.*

2. Se $\varphi : X_c \xrightarrow{\sim} X$ é uma aproximação cofibrante forte, dada qualquer outra aproximação cofibrante $\psi : X'_c \xrightarrow{\sim} X$, existe uma equivalência fraca $\theta : X'_c \xrightarrow{\sim} X_c$.

3. Se $\varphi : X \xrightarrow{\sim} X_f$ é uma aproximação fibrante forte, dada qualquer outra aproximação fibrante $\psi : X \xrightarrow{\sim} X'_f$, existe uma equivalência fraca $\theta : X_f \xrightarrow{\sim} X'_f$.

Demonstração. 1. Dado um objeto qualquer $X \in \mathbf{M}$, usando o axioma de fatoração (M5) podemos fatorar o morfismo único $!_X : \emptyset \rightarrow X$ como uma cofibração seguida de uma fibração trivial conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{!_{X_c}} & X_c \xrightarrow{\sim} X \\ & \searrow & \nearrow \\ & & !_X \end{array}$$

Note então que o objeto X_c é cofibrante e que o par (X_c, φ) define uma aproximação cofibrante forte para X .

Usando novamente o axioma de fatoração podemos reescrever o morfismo único $!_X : X \rightarrow *$ como uma cofibração trivial seguida de uma fibração conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\sim} & X_f \xrightarrow{!_{X_f}} * \\ & \searrow & \nearrow \\ & & !_X \end{array}$$

Basta notar então que o objeto X_f é fibrante e que o par (X_f, ψ) define uma aproximação fibrante forte para X .

2. Usando os morfismos dados podemos montar o quadrado comutativo mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{!_{X_c}} & X_c \\ !_{X'_c} \downarrow & & \downarrow \varphi \\ X'_c & \xrightarrow{\sim} & X \end{array}$$

Note que o quadrado é realmente comutativo, já que as composições $\varphi \circ !_X$ e $\psi \circ !_X$ ambas definem morfismos do tipo $\emptyset \rightarrow X$, mas só existe um único morfismo desse tipo. Como $!_{X'_c}$ é uma cofibração, e φ é uma fibração trivial, usando o axioma de levantamento (M4) podemos obter um morfismo diagonal $\theta : X'_c \rightarrow X_c$ fazendo comutar o diagrama todo. Em particular, temos a igualdade $\varphi \circ \theta = \psi$, e como φ e ψ são equivalências fracas, segue do axioma 2-de-3 que θ também é uma equivalência fraca.

3. A demonstração é análoga ao que fizemos no item 2. Usando os morfismos dados montamos o quadrado comutativo abaixo,

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{\sim} & X'_f \\ \varphi \downarrow & & \downarrow !_{X'_f} \\ X_f & \xrightarrow{!_{X_f}} & * \end{array}$$

o qual admite um levantamento $\theta : X_f \rightarrow X'_f$ já que φ é uma cofibração trivial, e ψ é uma fibração. Esse levantamento satisfaz a equação $\theta \circ \varphi = \psi$, portanto pelo axioma 2-de-3 concluímos que θ é uma equivalência fraca. ■

Os itens 2 e 3 acima são o mais próximo que temos de uma unicidade para aproximações cofibrantes ou fibrantes. Podemos resumi-lo dizendo que toda aproximação cofibrante ou fibrante

é fracamente equivalente a outra aproximação que é forte. Isso certamente não significa que as duas aproximações sejam *isomorfas*, já que equivalências fracas não são invertíveis em geral. É verdade, entretanto, que aproximações diferentes se tornam isomorfas ao passarmos para a categoria homotópica de \mathbf{M} , já que esta é obtida por localização na classe das equivalências fracas.

3.7 Observação (Substituições functoriais). Suponha que a categoria de modelos \mathbf{M} admita fatoraões functoriais, ou seja, que os dois sistemas de fatoraão fracos $(\mathcal{C} \cap \mathcal{W}, \mathcal{F})$ e $(\mathcal{C}, \mathcal{F} \cap \mathcal{W})$ sejam functoriais, sendo $\text{fac}, \text{fac}' : \text{Arr}(\mathbf{M}) \rightarrow \mathbf{M}^{[2]}$ os respectivos funtores de fatoraão. Usando tais fatoraões functoriais podemos obter funtores de substituição cofibrante e fibrante. Considere inicialmente o funtor $\text{init} : \mathbf{M} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{M})$ que associa a um objeto X o morfismo único $!_X : \emptyset \rightarrow X$, e que associa a um morfismo $f : X \rightarrow Y$ o par de morfismos (id_\emptyset, f) , o qual faz comutar o diagrama abaixo

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{\text{id}_\emptyset} & \emptyset \\ !_X \downarrow & & \downarrow !_Y \\ X & \xrightarrow{f} & Y \end{array}$$

e portanto define um morfismo do tipo $!_X \rightarrow !_Y$ na categoria de setas $\text{Arr}(\mathbf{M})$.

Usando o funtor init introduzido acima, definirmos um funtor $\text{subcof} : \mathbf{M} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{M})$ por meio da composição mostrada abaixo.

$$\mathbf{M} \xrightarrow{\text{init}} \text{Arr}(\mathbf{M}) \xrightarrow{\text{fac}'} \mathbf{M}^{[2]} \xrightarrow{d_1} \text{Arr}(\mathbf{M})$$

subcof

Veja que, ao aplicarmos o funtor de fatoraão fac' ao morfismo $!_X : \emptyset \rightarrow X$, obtemos uma fatoraão dada por uma cofibraão $!_{\hat{X}} : \emptyset \rightarrow \hat{X}$ seguida de uma fibraão trivial $p_X : \hat{X} \rightarrow X$ conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{!_X} & X \\ \downarrow !_X & \searrow & \nearrow p_X \\ & \hat{X} & \end{array}$$

Note então que o par (\hat{X}, p_X) define uma substituição cofibrante forte para X . A functorialidade da construção pode ser entendida da seguinte maneira: se $f : X \rightarrow Y$ é um morfismo em \mathbf{M} , existe também um morfismo induzido $\hat{f} : \hat{X} \rightarrow \hat{Y}$ entre as substituições cofibrantes que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \hat{X} & \xrightarrow{\hat{f}} & \hat{Y} \\ p_X \downarrow \wr & & \wr \downarrow p_Y \\ X & \xrightarrow{f} & Y \end{array} \quad (2)$$

Denotando por \mathbf{M}_c a subcategoria plena de \mathbf{M} gerada pelos objetos cofibrantes, temos um funtor

$$\text{dom} \circ \text{subcof} : \mathbf{M} \rightarrow \mathbf{M}_c,$$

e a comutatividade do quadrado acima diz que a coleção de morfismos $(p_X)_{X \in \mathbf{M}}$ define tanto uma transformação natural do tipo $i \circ (\text{dom} \circ \text{subcof}) \Rightarrow \text{id}_{\mathbf{M}}$, enquanto a coleção $(p_X)_{X \in \mathbf{M}_c}$ define uma transformação natural do tipo $(\text{dom} \circ \text{subcof}) \circ i \Rightarrow \text{id}_{\mathbf{M}_c}$, onde $i : \mathbf{M}_c \rightarrow \mathbf{M}$ é o funtor de inclusão.

Existe também um processo análogo para obtermos substituições fibrantes functoriais em uma categoria de modelos equipada com substituições functoriais. Consideramos inicialmente o funtor $\text{term} : \mathbf{M} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{M})$ que associa a cada objeto $X \in \mathbf{M}$ o morfismo terminal $!_X : X \rightarrow *$ e que associa a cada morfismo $f : X \rightarrow Y$ o par (f, id_*) , o qual faz comutar o quadrado indicado abaixo e, portanto, define um morfismo do tipo $!_X \rightarrow !_Y$ na categoria de setas.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ !_X \downarrow & & \downarrow !_Y \\ * & \xrightarrow{\text{id}_*} & * \end{array}$$

Consideramos então o funtor $\text{subfib} : \mathbf{M} \rightarrow \text{Arr}(\mathbf{M})$ dado pela composição indicada abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} \mathbf{M} & \xrightarrow{\text{term}} & \text{Arr}(\mathbf{M}) & \xrightarrow{\text{fac}} & \mathbf{M}^{[2]} & \xrightarrow{d_0} & \text{Arr}(\mathbf{M}) \\ & \searrow & & & \text{subfib} & \nearrow & \end{array}$$

Tal funtor associa a cada objeto $X \in \mathbf{M}$ uma cofibração trivial $j_X : X \xrightarrow{\sim} \tilde{X}$ que faz comutar o diagrama abaixo,

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{!_X} & * \\ j_X \searrow \sim & & \nearrow !_\tilde{X} \\ & \tilde{X} & \end{array}$$

portanto o par (\tilde{X}, j_X) define uma substituição fibrante para X . Além disso, o funtor subfib em questão associa também a cada morfismo $f : X \rightarrow Y$ em \mathbf{M} um morfismo correspondente $\tilde{f} : \tilde{X} \rightarrow \tilde{Y}$ entre as substituições fibrantes que faz comutar o quadrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{f} & Y \\ j_X \downarrow \wr & & \downarrow \wr j_Y \\ \tilde{X} & \xrightarrow{\tilde{f}} & \tilde{Y} \end{array} \quad (3)$$

Denotando por \mathbf{M}_f a subcategoria plena de \mathbf{M} gerada pelos objetos fibrantes, temos o funtor composto $\text{cod} \circ \text{subfib} : \mathbf{M} \rightarrow \mathbf{M}_f$, e a comutatividade do diagrama (3) diz que a coleção de morfismos $(j_X)_{X \in \mathbf{M}}$ define uma transformação natural do tipo $\text{id}_{\mathbf{M}} \Rightarrow i \circ (\text{cod} \circ \text{subfib})$, enquanto a coleção de morfismos $(j_X)_{X \in \mathbf{M}_f}$ define uma transformação natural $\text{id}_{\mathbf{M}_f} \Rightarrow (\text{cod} \circ \text{subfib}) \circ i$, onde $i : \mathbf{M}_f \rightarrow \mathbf{M}$ denota o morfismo de inclusão.

4 Localizações

Nessa seção discutimos inicialmente a noção de localização de uma categoria \mathbf{C} em uma classe qualquer de morfismos, e em seguida discutimos como a estrutura de uma categoria de modelos nos permite de certa forma simplificar o processo de localização na classe das equivalências fracas, simplificação esta que nos permitirá mais adiante construir modelos muito mais manejáveis para essa localização em termos de classes de homotopia.

Em geral, a única forma possível de compararmos dois morfismos em uma categoria \mathbf{C} qualquer é por meio de igualdades. Note, entretanto, que a situação é mais sutil para morfismos na categoria de categorias \mathbf{Cat} , já que dois funtores podem estar relacionados por uma igualdade ou

também por um isomorfismo natural. Isso significa que construções universais envolvendo *categorias em si* podem ser formuladas de duas formas: uma versão *estrita* usando apenas igualdades entre funtores, e uma versão *fraca* usando isomorfismos naturais entre funtores. A primeira definição de localização que daremos, a qual aparece por exemplo nas referências [HM22, Definição 7.30] e [nLa23], é a versão fraca. Essa é a versão que realmente aparece na teoria de categoria de modelos, já que a construção de uma localização na classe de equivalências fracas por meio das classes de homotopia de morfismos entre objetos bifibrantes satisfaz apenas essa versão fraca da definição. Uma boa discussão comparando estas duas possíveis definições e também outras existentes na literatura também pode ser encontrada em [Shu].

4.1 Definição. Sejam \mathcal{C} uma categoria e $\mathcal{W}\text{Mor}(\mathcal{C})$ uma classe qualquer de morfismos. Uma **localização fraca de \mathcal{C} em \mathcal{W}** é um par (\mathcal{L}, γ) , onde \mathcal{L} é uma categoria e $\gamma : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{L}$ é um funtor, satisfazendo as seguintes condições:

- (i) O funtor γ transforma os morfismos de \mathcal{W} em isomorfismos de \mathcal{L} .
- (ii) Dada uma outra categoria \mathcal{D} qualquer, o funtor de pré-composição com γ define uma *equivalência* de categorias

$$\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D}) : \text{Fun}(\mathcal{L}, \mathcal{D}) \xrightarrow{\simeq} \text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D}),$$

onde $\text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D})$ denota a subcategoria plena da categoria de funtores $\text{Fun}(\mathcal{C}, \mathcal{D})$ gerada por aqueles funtores que transformam morfismos de \mathcal{W} em isomorfismos de \mathcal{D} .

O resultado abaixo mostra que a definição acima pode ser reformulada de forma a ficar mais similar a outras definições feitas por meio de propriedades universais.

4.2 Proposição. Sejam \mathcal{C} uma categoria e $\mathcal{W} \subseteq \text{Mor}(\mathcal{C})$ uma classe de morfismos. Dada uma categoria \mathcal{L} e um funtor $\gamma : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{L}$ que transforma os morfismos de \mathcal{W} em isomorfismos de \mathcal{L} , o par (\mathcal{L}, γ) define uma localização fraca de \mathcal{C} em \mathcal{W} se, e somente se, as duas condições abaixo são satisfeitas para qualquer categoria \mathcal{D} :

1. Se $F : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{D}$ é um funtor que transforma morfismos de \mathcal{W} em isomorfismos de \mathcal{D} , então existe um funtor $\bar{F} : \mathcal{L} \rightarrow \mathcal{D}$ e um isomorfismo natural de funtores $\bar{F} \circ \gamma \cong F$.
2. Dados dois funtores $G_1, G_2 : \mathcal{L} \rightarrow \mathcal{D}$ quaisquer, a função

$$\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D})_{G_1, G_2} : \text{Hom}_{\text{Fun}(\mathcal{L}, \mathcal{D})}(G_1, G_2) \rightarrow \text{Hom}_{\text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D})}(G_1 \circ \gamma, G_2 \circ \gamma)$$

associada ao funtor de pré-composição $\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D}) : \text{Fun}(\mathcal{L}, \mathcal{D}) \rightarrow \text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D})$ é uma bijeção.

Demonstração. Lembremos que um funtor $F : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{D}$ define uma equivalência de categorias se, e somente se, ele é essencialmente sobrejetivo, pleno e fiel, ou seja, se ele satisfaz as seguintes condições:

1. Dado um objeto $Y \in \mathcal{D}$ qualquer, existe um objeto $X \in \mathcal{C}$ e um isomorfismo $F(X) \cong Y$.
2. Dados dois objetos $X_1, X_2 \in \mathcal{C}$ quaisquer, a função

$$F_{X_1, X_2} : \text{Hom}_{\mathcal{C}}(X_1, X_2) \rightarrow \text{Hom}_{\mathcal{D}}(F(X_1), F(X_2))$$

associado a funtor $F : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{D}$ é uma bijeção.

O resultado do enunciado segue então dessa caracterização de equivalência aplicada ao funtor $\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D}) : \text{Fun}(\mathcal{L}, \mathcal{D}) \rightarrow \text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D})$. ■

Apesar da formulação de localização acima ser mais similar a outras propriedades univversais com as quias estamos acostumados, existe uma diferença sítíl mas importante: as propriedades universais usuais estabelecem a existência sob certas condições de um morfismo *único* satisfazendo certas *igualdades*. Já a propriedade universal da Proposição 4.2 que caracteriza a localização fraca estabelece a existência sob certas hipóteses de *algum* funtor satisfazendo uma condição de *isomorfismo natural* e não de igualdade. Veremos agora que, apesar de não termos a unicidade na caracterização acima, temos uma unicidade a menos de isomorfismos naturais de funtores.

4.3 Proposição. *Sejam \mathcal{C} e \mathcal{D} categorias, $\mathcal{W} \subseteq \text{Mor}(\mathcal{C})$ uma classe qualquer de morfismos, e $F : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{D}$ um funtor que inverte os morfismos de \mathcal{W} . Se (\mathcal{L}, γ) é uma localização fraca de \mathcal{C} em \mathcal{W} , e $\bar{F}, \hat{F} : \mathcal{L} \rightarrow \mathcal{D}$ são dois funtores tais que $\bar{F} \circ \gamma \cong F$ e $\hat{F} \circ \gamma \cong F$, então existe também um isomorfismo natural $\bar{F} \cong \hat{F}$.*

O resultado acima segue facilmente do seguinte resultado mais geral a respeito de equivalências de categorias.

4.4 Lema. *Suponha que $F : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{D}$ seja uma equivalência de categorias. Se $X, Y \in \mathcal{C}$ são dois objetos tais que $F(X) \cong F(Y)$, então existe também um isomorfismo $X \cong Y$.*

Demonstração. Sejam $G : \mathcal{D} \rightarrow \mathcal{C}$ o funtor quase-inverso a F e $\theta : G \circ F \Rightarrow \text{id}_{\mathcal{C}}$ um isomorfismo natural de funtores. Existe por hipótese um isomorfismo $\alpha : F(X) \rightarrow F(Y)$, e aplicando G obtemos então um isomorfismo $G(\alpha) : G(F(X)) \rightarrow G(F(Y))$. Considerando então os isomorfismos componentes $\theta_X : G(F(X)) \rightarrow X$ e $\theta_Y : G(F(Y)) \rightarrow Y$, a composição

$$\theta_Y \circ G(\alpha) \circ \theta_X^{-1} : X \rightarrow Y$$

define o isomorfismo desejado. ■

Demonstração da Proposição 4.3. Sabemos da definição de localização fraca que o funtor de pré-composição

$$\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D}) : \text{Fun}(\mathcal{L}, \mathcal{D}) \rightarrow \text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathcal{C}, \mathcal{D})$$

é uma equivalência de categorias, mas pelas hipóteses do enunciado temos

$$\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D})(\bar{F}) = \bar{F} \circ \gamma \cong F \cong \hat{F} \circ \gamma = \text{Fun}(\gamma, \mathcal{D})(\hat{F});$$

logo o resultado segue diretamente do Lema 4.4 aplicado à equivalência $\text{Fun}(\gamma, \mathcal{D})$. ■

Uma consequência importante é que, embora duas localizações fracas possam não ser isomorfas, elas serão sempre equivalentes. Isso pode parecer mais fraco do que gostaríamos, mas a experiência mostra que em geral a noção de equivalência entre categorias é mais razoável do que a noção de isomorfismo entre categorias.

4.5 Corolário. *Dada uma categoria \mathcal{C} e uma classe de morfismos $\mathcal{W} \subseteq \mathcal{C}$, quaisquer duas localizações de \mathcal{C} em \mathcal{W} são equivalentes.*

Demonstração. Suponha que (\mathcal{L}, γ) e (\mathcal{J}, δ) sejam duas localizações de \mathcal{C} em \mathcal{W} . Como $\delta : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{J}$ inverte morfismos de \mathcal{W} , aplicando a Proposição 4.2 ao par (\mathcal{L}, γ) obtemos um funtor $\bar{\delta} : \mathcal{L} \rightarrow \mathcal{J}$ juntamente com um isomorfismo natural de funtores $\bar{\delta} \circ \gamma \cong \delta$. Ora, como $\gamma : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{L}$ também inverte morfismos de \mathcal{W} , aplicado o mesmo resultado agora ao par (\mathcal{J}, δ) obtemos um funtor $\bar{\gamma} : \mathcal{J} \rightarrow \mathcal{L}$ e um isomorfismo natural de funtores $\delta \circ \bar{\gamma} \cong \gamma$.

Afirmamos que $\bar{\delta}$ e $\bar{\gamma}$ são funtores quase-inversos, ou seja, que existem isomorfismos naturais de funtores $\bar{\gamma} \circ \bar{\delta} \cong \text{id}_{\mathcal{L}}$ e $\bar{\delta} \circ \bar{\gamma} \cong \text{id}_{\mathcal{J}}$. No primeiro caso, veja que, como o funtor idêntico $\text{id}_{\mathcal{L}}$ satisfaz $\text{id}_{\mathcal{L}} \circ \gamma = \gamma$, segue da Proposição 4.3 que, se $G : \mathcal{L} \rightarrow \mathcal{L}$ é um funtor tal que $G \circ \gamma \cong \gamma$,

então necessariamente devemos ter também um isomorfismo natural $G \cong \text{id}_L$. Ora, basta notar agora que

$$\bar{\gamma} \circ \bar{\delta} \circ \gamma \cong \bar{\gamma} \circ \delta \cong \gamma,$$

de onde concluímos que $\bar{\gamma} \circ \bar{\delta} \cong \text{id}_L$. Analogamente, o funtor id_J é o único a menos de isomorfismo do seu tipo que fatora δ , mas temos os isomorfismos naturais

$$\bar{\delta} \circ \bar{\gamma} \circ \delta \cong \bar{\delta} \circ \gamma \cong \delta,$$

portanto temos também o isomorfismo natural $\bar{\delta} \circ \bar{\gamma} \cong \text{id}_J$. ■

Tendo em vista essa unicidade a menos de equivalências, é comum denotarmos qualquer localização de C em \mathcal{W} por $C[\mathcal{W}^{-1}]$.

Tendo estudado algumas propriedades básicas das localizações fracas, a próxima pergunta natural é quanto a sua existência. Será que podemos sempre construir uma localização de uma categoria C em uma classe de morfismos $\mathcal{W} \subseteq \text{Mor}(C)$? A resposta é que sim *a menos de tecnicidades conjuntistas*. Usando a construção da categoria livre gerada por um conjunto de setas, odemos construir no braço uma localização fraca, mas a categoria obtida dessa forma não é localmente pequena, o que nos força então a trabalhar com algum universo de Grothendieck grande o suficiente para que a construção faça sentido. Felizmente, no caso de uma categoria de modelos $(M, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$, a estrutura adicional dada pelas cofibrações e fibrações nos permite construir um *modelo alternativo* para uma localização fraca $M[\mathcal{W}^{-1}]$ nas equivalências fracas. Essa construção alternativa depende crucialmente do resultado abaixo, o qual diz que podemos obter uma localização fraca para uma categoria de modelos trabalhando apenas com subcategorias de objetos bem comportados.

4.6 Teorema. *Seja $(M, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ uma categoria de modelos. Denote por M_c (respectivamente M_f e M_{cf}) a subcategoria plena gerada pelos objetos cofibrantes (respectivamente fibrantes e bifibrantes), e denote por \mathcal{W}_c (respectivamente \mathcal{W}_f e \mathcal{W}_{cf}) a classe de morfismos dada pela interseção $\mathcal{W} \cap \text{Mor}(M_c)$ (respectivamente $\mathcal{W} \cap \text{Mor}(M_f)$ e $\mathcal{W} \cap \text{Mor}(M_{cf})$). As seguintes categorias são todas equivalentes:*

- (i) $M[\mathcal{W}^{-1}]$;
- (ii) $M_c[\mathcal{W}_c^{-1}]$;
- (iii) $M_f[\mathcal{W}_f^{-1}]$;
- (iv) $M_{cf}[\mathcal{W}_{cf}^{-1}]$.

Demonstração. Vejamos primeiro a equivalência entre as localizações fracas $M[\mathcal{W}^{-1}]$ e $M_c[\mathcal{W}_c^{-1}]$. Se $\gamma : M \rightarrow M[\mathcal{W}^{-1}]$ e $\gamma_c : M_c \rightarrow M[\mathcal{W}_c^{-1}]$ são os funtores de localização, e $i : M_c \rightarrow M$ denota o funtor de inclusão, note que o funtor composto

$$\gamma \circ i : M_c \rightarrow M[\mathcal{W}^{-1}]$$

inverte os morfismos de \mathcal{W}_c , pois γ inverte os morfismos de \mathcal{W} , e $\mathcal{W}_c \subseteq \mathcal{W}$. Segue da propriedade universal da localização fraca que existe um funtor induzido $\bar{i} : M_c[\mathcal{W}_c^{-1}] \rightarrow M[\mathcal{W}^{-1}]$ juntamente com um isomorfismo natural $\bar{i} \circ \gamma_c \cong \gamma \circ i$.

Vejamos agora como construir um funtor no sentido contrário $M[\mathcal{W}^{-1}] \rightarrow M_c[\mathcal{W}_c^{-1}]$. Seja $\text{subcof} : M \rightarrow \text{Arr}(M)$ o funtor de substituição cofibrante como descrito na Observação 3.7. Lembremos que tal funtor associa a cada objeto $X \in M$ uma fibração trivial $p_X : \hat{X} \rightarrow X$, onde

\widehat{X} é um objeto cofibrante, e associa a um morfismo $f : X \rightarrow Y$ um morfismo correspondente $\widehat{f} : \widehat{X} \rightarrow \widehat{Y}$ entre as substituições cofibrantes que faz comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \widehat{X} & \xrightarrow{\widehat{f}} & \widehat{Y} \\ p_X \downarrow \wr & & \wr \downarrow p_Y \\ X & \xrightarrow{f} & Y \end{array}$$

Afirmamos que o funtor composto

$$\gamma_c \circ \text{dom} \circ \text{subcof} : \mathbf{M} \rightarrow \mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}]$$

inverte os morfismos de \mathcal{W} . De fato, note que, se $f : X \rightarrow Y$ é uma equivalência fraca, então o mesmo vale para a composição $f \circ p_X$, a qual é igual à composição $p_Y \circ \widehat{f}$; mas sendo p_Y uma equivalência fraca também, segue da propriedade 2-de-3 que \widehat{f} é uma equivalência fraca, portanto $\gamma_c(\widehat{f})$ é um isomorfismo. Segue da propriedade universal da localização fraca que existe um morfismo induzido $\varphi : \mathbf{M}[\mathcal{W}^{-1}] \rightarrow \mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}]$ juntamente com um isomorfismo natural de funtores $\varphi \circ \gamma \cong \gamma_c \circ \text{dom} \circ \text{subcof}$.

Nosso objetivo agora é mostrar que os funtores \bar{i} e φ são quase-inversos. Vimos na Observação 3.7 que a coleção $(p_X)_{X \in \mathbf{M}}$ define uma transformação natural $i \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \Rightarrow \text{id}_{\mathbf{M}}$. Como $\gamma(p_X)$ é um isomorfismo para todo $X \in \mathbf{M}$, segue que a coleção $(\gamma(X))_{X \in \mathbf{M}}$ define um *isomorfismo* natural de funtores

$$\gamma \circ i \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \cong \gamma,$$

mas note que pelas propriedades caracterizando os vários funtores acima temos também uma sequência de isomorfismos naturais

$$\gamma \circ i \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \cong \bar{i} \circ \gamma_c \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \cong \bar{i} \circ \varphi \circ \gamma.$$

Combinando esses vários isomorfismos naturais obtemos o isomorfismo $\bar{i} \circ \varphi \circ \gamma \cong \gamma$, de onde concluímos que $\bar{i} \circ \varphi \cong \text{id}_{\mathbf{M}}$, já que o funtor de pré-composição

$$\text{Fun}(\gamma, \mathbf{M}[\mathcal{W}^{-1}]) : \text{Fun}(\mathbf{M}[\mathcal{W}^{-1}], \mathbf{M}[\mathcal{W}^{-1}]) \rightarrow \text{Fun}_{\mathcal{W}}(\mathbf{M}, \mathbf{M}[\mathcal{W}^{-1}])$$

define uma equivalência de categorias.

O outro isomorfismo é obtido de forma similar. A coleção $(p_X)_{X \in \mathbf{M}_c}$ define uma transformação natural $\text{dom} \circ \text{subcof} \circ i \Rightarrow \text{id}_{\mathbf{M}_c}$, mas $\gamma_c(p_X)$ é um isomorfismo para todo $X \in \mathbf{M}_c$, portanto $(\gamma_c(p_X))_{X \in \mathbf{M}_c}$ define um *isomorfismo* natural $\gamma_c \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \circ i \cong \gamma_c$. Basta ver agora que temos os isomorfismos naturais

$$\gamma_c \circ \text{dom} \circ \text{subcof} \circ i \cong \varphi \circ \text{id} \cong \varphi \circ \bar{i} \circ \gamma_c,$$

logo $\varphi \circ \bar{i} \circ \gamma_c \cong \gamma_c$, o que implica o isomorfismo desejado $\varphi \circ \bar{i} \cong \text{id}_{\mathbf{M}_c}$ já que o funtor

$$\text{Fun}(\gamma_c, \mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}]) : \text{Fun}(\mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}], \mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}]) \rightarrow \text{Fun}_{\mathcal{W}_c}(\mathbf{M}_c, \mathbf{M}_c[\mathcal{W}_c^{-1}])$$

define uma equivalência de categorias. ■

5 Teoria de Homotopia em categorias modelo

Nessa seção introduzimos enfim noções homotópicas que podem ser descritas em uma categoria modelo qualquer. Veremos, entretanto, que mesmo a noção básica de homotopia entre dois

morfismos possui sutilezas que a tornam mais complexa do que a noção clássica de homotopia entre mapas contínuos de espaços topológicos. Felizmente, também veremos que a noção categórica de homotopia se aproxima muito mais da clássica quando trabalhamos apenas com objetos cofibrantes ou fibrantes, e nesse caso podemos usar a construção usual da categoria homotópica para definirmos uma espécie de localização de uma categoria modelo.

A fim de imitarmos a noção topológica de homotopia, o primeiro passo será darmos uma descrição categórica para a construção do cilindro $B \times I$ associado a um espaço topológico B qualquer, onde é claro que I denota o intervalo unitário da reta.

Lembremos inicialmente que, dado um objeto B de uma categoria \mathcal{C} qualquer que admita coprodutos, a propriedade universal dessa construção garante a existência de um único mapa $\nabla : B \sqcup B \rightarrow B$ fazendo comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccccc}
 B & & & \text{id}_B & \\
 & \searrow j_1 & & \searrow & \\
 & & B \sqcup B & \xrightarrow{\nabla} & B \\
 & \nearrow j_2 & & \nearrow & \\
 B & & & \text{id}_B &
 \end{array}$$

Tal morfismo é comumente chamado de **morfismo codiagonal** ou também de **morfismo de dobra**². Intuitivamente, esse morfismo simplesmente cola duas cópias exatamente uma sobre a outra. Por vezes, se precisarmos distinguir entre os morfismos codiagonais associados a diferentes objetos, utilizaremos também a notação ∇_B para o morfismo descrito acima.

5.1 Definição. Sejam \mathcal{M} uma categoria modelo e $B \in \mathcal{M}$ um objeto qualquer. Um **objeto cilindro** para B é uma fatoração do morfismo codiagonal $\nabla : B \sqcup B \rightarrow B$ como uma cofibração seguida de uma equivalência fraca. Mais explicitamente, um objeto cilindro para B é uma tripla $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$, onde $i : B \sqcup B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ é uma cofibração e $\varepsilon : \text{Cyl}(B) \xrightarrow{\sim} B$ é uma equivalência fraca tais que $\varepsilon \circ i = \nabla$, conforme mostrado no diagrama comutativo abaixo.

$$\begin{array}{ccc}
 B \sqcup B & & \\
 \downarrow i & \searrow \nabla & \\
 \text{Cyl}(B) & \xrightarrow[\varepsilon]{\sim} & B
 \end{array}$$

Dizemos que a tripla $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ define um objeto cilindro **forte** se ε é também uma fibração, ou seja, se ε é uma fibração trivial.

5.2 Observação. O axioma de fatoração (M5) garante que o morfismo $\nabla : B \sqcup B \rightarrow B$ pode ser fatorado como uma cofibração seguida de uma fibração trivial, portanto todo objeto de uma categoria modelo admite um objeto cilindro forte. Entretanto, por vezes esse modelo para o objeto cilindro forte dado pelo axioma de fatoração pode ser muito complicado, por isso é vantajoso trabalharmos com cilindros fracos também, cuja descrição é por vezes mais simples.

Vamos introduzir mais um pouco de terminologia. Dado um objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ para B , se $j_1, j_2 : B \rightarrow B \sqcup B$ são as injeções canônicas, frequentemente denotaremos os morfismos do tipo $B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ dados pelas composições $i \circ j_1$ e $i \circ j_2$ por i_0 e i_1 , respectivamente. Essa diferença nos índices pode parecer estranho, mas a motivação para tal vem do caso topológico clássico, onde um modelo para o objeto cilindro $\text{Cyl}(B)$ é o produto $B \times I$. Nesse caso, a composição $i_0 = i \circ j_1$ mapeia B para a face inferior $B \times \{0\}$ de $B \times I$, enquanto a composição $i_1 = i \circ j_2$

²Uma tradução direta do inglês *fold map*.

mapeia B para a face superior $B \times \{1\}$ do cilindro $B \times I$, o que justifica a razoabilidade dos índices aparecendo em cada uma das composições.

Antes de vermos como a noção de objeto cilindro nos permite definir uma noção categórica de homotopia, vejamos algumas propriedades simples satisfeitas por tais objetos.

5.3 Lema. *Sejam \mathbf{M} uma categoria modelo, $B \in \mathbf{M}$ um objeto qualquer, e $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ um objeto cilindro qualquer para B .*

- (i) *Os morfismos $i_0, i_1 : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ são equivalências fracas.*
- (ii) *Se B é um objeto cofibrante, então os morfismos $i_0, i_1 : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ são também cofibrações e, portanto, cofibrações triviais.*

Demonstração. (i) Note que pela definição de i_0 temos

$$\varepsilon \circ i_0 = \varepsilon \circ i \circ j_1 = \nabla \circ j_1 = \text{id}_B.$$

Ora, como id_B é uma equivalência fraca, o mesmo valendo para ε pela definição de objeto cilindro, segue da propriedade 2-de-3 que i_0 é também uma equivalência fraca. A demonstração de que i_1 é uma equivalência fraca segue de um raciocínio completamente análogo.

(ii) Lembremos que em qualquer categoria, o coproduto pode ser interpretado também como um pushout sobre o objeto inicial. Mais precisamente, se \emptyset denota um objeto inicial de \mathbf{M} , então o quadrado comutativo abaixo é um pushout.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{!_B} & B \\ !_B \downarrow & & \downarrow j_1 \\ B & \xrightarrow{j_2} & B \sqcup B \end{array}$$

Por hipótese B é cofibrante, ou seja, o morfismo único $!_B$ é uma cofibração, mas já sabemos do Corolário 1.9 que cofibrações são preservadas por pushouts, portanto j_1 e j_2 são cofibrações. Mas segue então que os morfismos i_0 e i_1 são composições de cofibrações e, portanto, cofibrações também de acordo com o Corolário 1.9. ■

Tendo em mãos essas propriedades básicas, podemos enfim definir uma primeira noção de homotopia entre morfismos em uma categoria modelo.

5.4 Definição. Dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$ em uma categoria modelo \mathbf{M} são ditos **homotópicos à esquerda** se existe um objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ para B e um morfismo $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ tal que $h \circ i = \langle f, g \rangle$, conforme mostrado no diagrama comutativo abaixo. Nesse caso, denotamos essa relação por $f \sim_L g$.

$$\begin{array}{ccccc} B & \xleftarrow{\nabla} & B \sqcup B & \xrightarrow{\langle f, g \rangle} & X \\ & \nwarrow \varepsilon & \downarrow i & \nearrow h & \\ & & \text{Cyl}(B) & & \end{array}$$

Se interpretarmos os morfismos $i_0, i_1 : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ como sendo as faces inferior e superior do cilindro como no caso topológico clássico, então as composições $h \circ i_0$ e $h \circ i_1$ determinam os estágios inicial e final da homotopia h . Usando a definição de tais morfismos e a comutatividade acima vemos que por um lado

$$h \circ i_0 = h \circ i \circ j_1 = \langle f, g \rangle \circ j_1 = f,$$

e por outro

$$h \circ i_1 = h \circ i \circ j_2 = \langle f, g \rangle \circ j_2 = g.$$

Assim, recuperamos em certo sentido a intuição clássica de uma família de morfismos que começa em f e termina em g .

Veja que a definição acima possui uma sutileza: exigimos que a homotopia h esteja definida em *algum* objeto cilindro $\text{Cyl}(B)$, mas B pode muito bem admitir diversos objetos cilindros distintos. Isso pode representar uma dificuldade para “combinarmos” homotopias à esquerda, já que elas podem não estar definidas nos mesmos objetos cilindros.

O resultado abaixo mostra que homotopias à esquerda são preservadas por composição de morfismos à esquerda, o que possivelmente justifica a terminologia usada. Além disso, mostramos que homotopias à esquerda também são preservadas por composição de morfismos à direita quando supomos que o codomínio é fibrante, e essa hipótese também garante a independência do objeto cilindro no qual a homotopia está definida.

5.5 Proposição. *Suponha que $f, g : B \rightarrow X$ sejam dois morfismos homotópicos à esquerda em uma categoria modelo \mathbf{M} .*

1. *Dado um morfismo $\beta : X \rightarrow Y$, os morfismos compostos $\beta \circ f, \beta \circ g : B \rightarrow Y$ são homotópicos à esquerda.*
2. *Se X é fibrante, então a homotopia entre f e g independe do objeto cilindro usado.*
3. *Se X é fibrante, então dado qualquer morfismo $\alpha : A \rightarrow B$, os morfismos compostos $f \circ \alpha, g \circ \alpha : A \rightarrow X$ são homotópicos à esquerda.*

Demonstração. 1. Por hipótese existe um objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ para B e um morfismo $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ satisfazendo $h \circ i = \langle f, g \rangle$. Afirmamos que $\beta \circ h$ é a homotopia à esquerda procurada de $\beta \circ f$ para $\beta \circ g$. De fato, basta notar que

$$\beta \circ h \circ i = \beta \circ \langle f, g \rangle = \langle \beta \circ f, \beta \circ g \rangle,$$

onde a última igualdade segue diretamente da propriedade universal do coproduto, já que a composição $\beta \circ \langle f, g \rangle$ satisfaz as igualdades

$$(\beta \circ \langle f, g \rangle) \circ j_1 = \beta \circ f \quad \text{e} \quad (\beta \circ \langle f, g \rangle) \circ j_2 = \beta \circ g.$$

2. Por hipótese sabemos que existe *algum* objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ para B e um morfismo $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ tal que $h \circ i = \langle f, g \rangle$. Afirmamos que existe também uma homotopia de f para g definida em um cilindro *forte*. De fato, sabemos do axioma de fatoração que a equivalência fraca $\varepsilon : \text{Cyl}(B) \rightarrow B$ pode ser fatorada como uma cofibração seguida de uma fibração trivial conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \text{Cyl}(B) & \xrightarrow[\sim]{\varepsilon} & B \\ & \searrow j & \nearrow p \\ & C & \end{array}$$

Afirmamos então que a tripla $(C, j \circ i, p)$ é um objeto cilindro forte para B . Veja que $j \circ i$ e p fatoram o morfismo de dobra $\nabla : B \rightarrow B \sqcup B$ pois

$$p \circ (j \circ i) = (p \circ j) \circ i = \varepsilon \circ i = \nabla,$$

e como p é uma fibração trivial pelo axioma de fatoração, a tripla em questão define de fato um cilindro forte.

Vamos agora mostrar que existe uma homotopia de f para g definida nesse cilindro forte. Note inicialmente que o morfismo $j : \text{Cyl}(B) \rightarrow C$ que apareceu na fatoração acima é uma cofibração trivial pela propriedade 2-de-3, j  que ε e p são ambos equivalências fracas. Como o morfismo  nico $!_X : X \rightarrow *$ é por hipótese uma fibração, segue do axioma de levantamento que existe um morfismo diagonal $\tilde{h} : C \rightarrow X$ fazendo comutar o diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} \text{Cyl}(B) & \xrightarrow{h} & X \\ j \downarrow \wr & \nearrow \tilde{h} & \downarrow !_X \\ C & \xrightarrow{!_C} & * \end{array}$$

Note  nt o que \tilde{h} define uma homotopia de f para g com relação ao cilindro forte $(C, j \circ i, p)$ pois

$$\tilde{h} \circ (j \circ i) = (\tilde{h} \circ j) \circ i = h \circ i = \langle f, g \rangle.$$

Vejamos agora como mostrar que a homotopia entre f e g independe do cilindro usado. Segue da discussão acima que podemos assumir sem perda de generalidade que o objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ no qual  st  definida a homotopia h por hipótese   forte. Suponha agora que (S, i', ε') seja um outro objeto cilindro qualquer. Queremos construir um morfismo $h' : S \rightarrow X$ tal que $h' \circ i' = \langle f, g \rangle$. A ideia é construirmos um morfismo do tipo $S \rightarrow \text{Cyl}(B)$ que, ao ser composto com a homotopia h já existente, forneça uma outra homotopia definida agora no objeto cilindro S . A fim de construirmos tal morfismo, note que o quadrado mostrado abaixo é comutativo, pois ambos os pares (i, ε) e (i', ε') são fatorações do morfismo de dobra ∇ . Ademais, como i'   uma cofibração, pois S   um objeto cilindro, e ε   uma fibração trivial, pois $\text{Cyl}(B)$ é um cilindro forte; segue do axioma de levantamento que existe um morfismo diagonal $\phi : S \rightarrow \text{Cyl}(B)$ como indicado.

$$\begin{array}{ccc} B \sqcup B & \xrightarrow{i} & \text{Cyl}(B) \\ i' \downarrow \wr & \nearrow \phi & \downarrow \varepsilon \\ S & \xrightarrow[\varepsilon']{\sim} & B \end{array}$$

Vea  nt o que a composição $h' := h \circ \phi$ define a homotopia desejada, pois da comutatividade acima vemos que

$$h' \circ i' = h \circ \phi \circ i' = h \circ i = \langle f, g \rangle.$$

3. Suponha que $(\text{Cyl}(A), i_A, \varepsilon_A)$ seja um objeto cilindro qualquer para A e que $(\text{Cyl}(B), i_B, \varepsilon_B)$ seja um objeto cilindro *forte* para B . Sabemos pelo item 2 que certamente existe uma homotopia $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ de f para g definida nesse cilindro forte. Considere o diagrama de levantamento exibido abaixo.

$$\begin{array}{ccc} A \sqcup A & \xrightarrow{i_B \circ \alpha \sqcup \alpha} & \text{Cyl}(B) \\ i_A \downarrow \wr & & \downarrow \varepsilon_B \\ \text{Cyl}(A) & \xrightarrow{\alpha \circ \varepsilon_A} & B \end{array}$$

Vea que o quadrado externo   de fato comutativo pois por um lado

$$\alpha \circ \varepsilon_A \circ i_A = \alpha \circ \nabla_A = \alpha \circ \langle \text{id}_A, \text{id}_A \rangle = \langle \alpha, \alpha \rangle,$$

e por outro

$$\varepsilon_B \circ i_B \circ \alpha \sqcup \alpha = \nabla_B \circ \alpha \sqcup \alpha = \langle \alpha, \alpha \rangle.$$

Segue do axioma de levantamento que existe o morfismo diagonal $\phi : \text{Cyl}(A) \rightarrow \text{Cyl}(B)$ mostrado acima. Note  nt o que $h \circ \phi : \text{Cyl}(A) \rightarrow X$   a homotopia procurada pois

$$h \circ \phi \circ i_A = h \circ i_B \circ (\alpha \sqcup \alpha) = \langle f, g \rangle \circ (\alpha \sqcup \alpha) = \langle f \circ \alpha, g \circ \alpha \rangle. \quad \blacksquare$$

Uma consequência particularmente útil é que a noção de homotopia à esquerda se torna uma relação de equivalência quando trabalhamos com morfismos tendo codomínio fibrante.

5.6 Corolário. *Em uma categoria de modelos $(\mathbf{M}, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$, se B é um objeto cofibrante e X é um objeto qualquer, então a relação de homotopia à esquerda \simeq_L define uma relação de equivalência no conjunto de morfismos $\mathbf{M}(B, X)$.*

Demonstração. Vejamos primeiro a reflexividade da relação de homotopia à esquerda. Dado um morfismo $f : B \rightarrow X$, considere $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ um objeto cilindro qualquer para B . Veja que o quadrado indicado abaixo é comutativo pois

$$f \circ \varepsilon \circ i = f \circ \nabla = f \circ \langle \text{id}_B, \text{id}_B \rangle = \langle f, f \rangle,$$

e como o morfismo idêntico $\text{id}_X : X \rightarrow X$ é uma fibração trivial, e $i : B \sqcup B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ é uma cofibração por hipótese, segue do axioma de levantamento que existe o morfismo diagonal $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ mostrado, e a comutatividade mostra que tal morfismo define uma homotopia à esquerda de f para si mesmo.

$$\begin{array}{ccc} B \sqcup B & \xrightarrow{\langle f, f \rangle} & X \\ i \downarrow & \dashrightarrow h & \downarrow \text{id}_X \\ \text{Cyl}(B) & \xrightarrow{f \circ \varepsilon} & X \end{array}$$

Note que a demonstração acima não usa em nenhum momento a hipótese de cofibrância sobre B , ou seja, a relação de homotopia à esquerda é *sempre* reflexiva.

Vejamos agora a demonstração da simetria da relação. Dados dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$ que sejam homotópicos à esquerda, suponhamos que tal homotopia $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ esteja definido em um objeto cilindro $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ qualquer. A ideia é montarmos um outro objeto cilindro que tenha as “faces trocadas”, e faremos isso trocando a ordem das parcelas do coproduto $B \sqcup B$. Mais precisamente, sabemos da propriedade universal do coproduto que existe um único morfismo $\Sigma : B \sqcup B$ tal que $\Sigma \circ j_1 = j_2$ e $\Sigma \circ j_2 = j_1$, onde $j_1, j_2 : B \rightarrow B \sqcup B$ denotam as injeções canônicas no coproduto. Intuitivamente, Σ troca as duas cópias de B que compõem o coproduto $B \sqcup B$. Uma propriedade do morfismo Σ que será importante para nós é sua interação com o morfismo codiagonal $\nabla : B \sqcup B \rightarrow B$. Mais precisamente, afirmamos que vale a igualdade $\nabla \circ \Sigma = \nabla$. Faz bastante sentido que essa igualdade seja verdadeira, pois se ∇ intuitivamente identifica as duas cópias de B que formam o coproduto $B \sqcup B$, não faz diferença trocarmos essas cópias de lugar antes de fazermos a identificação. A demonstração dessa igualdade é uma aplicação direta da propriedade universal do coproduto, pois ∇ é caracterizado unicamente por satisfazer as igualdades

$$\nabla \circ j_1 = \nabla \circ j_2 = \text{id}_B,$$

mas a composição $\nabla \circ \Sigma$ satisfaz as mesmas igualdades, pois por um lado

$$(\nabla \circ \Sigma) \circ j_1 = \nabla \circ (\Sigma \circ j_1) = \nabla \circ j_2 = \text{id}_B$$

e por outro

$$(\nabla \circ \Sigma) \circ j_2 = \nabla \circ (\Sigma \circ j_2) = \nabla \circ j_1 = \text{id}_B.$$

Sabendo das propriedades acima, afirmamos que a tripla $(\text{Cyl}(B), i \circ \Sigma, \varepsilon)$ define um outro objeto cilindro para B . Note primeiro que o morfismo de troca Σ é um automorfismo de $B \sqcup B$, já que uma aplicação direta da propriedade universal do coproduto mostra que vale a igualdade $\Sigma \circ \Sigma = \text{id}_{B \sqcup B}$. Segue em particular que Σ é uma cofibração, portanto o mesmo é válido para a

composição $i \circ \Sigma : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$. Por fim, usando a propriedade de Σ discutida no parágrafo anterior vemos que $i \circ \Sigma$ e ε fatoram o morfismo codiagonal, pois

$$\varepsilon \circ (i \circ \Sigma) = (\varepsilon \circ i) \circ \Sigma = \nabla \circ \Sigma = \nabla.$$

Afirmamos então que o próprio morfismo $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ define a homotopia desejada de g para f com respeito ao objeto cilindro “trocado” $(\text{Cyl}(B), i \circ \Sigma, \varepsilon)$. De fato, note que por um lado

$$h \circ (i \circ \Sigma) \circ j_1 = (h \circ i) \circ (\Sigma \circ j_1) = \langle f, g \rangle \circ j_2 = g,$$

e por outro

$$h \circ (i \circ \Sigma) \circ j_2 = (h \circ i) \circ (\Sigma \circ j_2) = \langle f, g \rangle \circ j_1 = f;$$

portanto $h \circ (i \circ \Sigma) = \langle g, f \rangle$ conforme desejado. Note que essa demonstração também não necessita da hipótese de cofibrância sobre B , ou seja, a relação de homotopia à esquerda é *sempre* simétrica.

Resta verificarmos a transitividade da relação, e é aqui onde finalmente usamos a hipótese de cofibrância sobre B . Suponha que tenhamos três morfismos $f_1, f_2, f_3 : B \rightarrow X$ tais que $f_1 \simeq_L f_2$ e $f_2 \simeq_L f_3$. A primeira homotopia à esquerda é dada por um morfismo $h_1 : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$, enquanto a segunda é dada por um morfismo $h_2 : \text{Cyl}'(B) \rightarrow X$, sendo que $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ e $(\text{Cyl}'(B), i', \varepsilon')$ são objetos cilindros possivelmente *distintos*.³ A ideia é que podemos colar os dois cilindros juntos de uma forma que vai nos permitir “concatenar” as homotopias h_1 e h_2 de forma a obtermos uma homotopia de f_1 para f_3 . Inicialmente, consideramos o objeto $Q \in \mathbf{M}$ dado pelo diagrama de pushout abaixo, onde $i_1 : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ e $i'_0 : B \rightarrow \text{Cyl}'(B)$ são componentes das cofibrações $i : B \sqcup B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ e $i' : B \sqcup B \rightarrow \text{Cyl}'(B)$, respectivamente.

$$\begin{array}{ccc} B & \xrightarrow{i_1} & \text{Cyl}(B) \\ i'_0 \downarrow & & \downarrow b \\ \text{Cyl}'(B) & \xrightarrow{t} & Q \end{array}$$

A hipótese de cofibrância sobre B garante por meio do Lema 5.3 que os morfismos i_1 e i'_0 são cofibrações triviais, e como esse tipo de morfismo é preservado por pushouts, segue que os morfismos $b : \text{Cyl}(B) \rightarrow Q$ e $t : \text{Cyl}'(B) \rightarrow Q$ que aparecem acima são também cofibrações triviais. Como os morfismos $\varepsilon : \text{Cyl}(B) \rightarrow B$ e $\varepsilon' : \text{Cyl}'(B) \rightarrow B$ satisfazem as igualdades $\varepsilon \circ i_1 = \varepsilon' \circ i'_0 = \text{id}_B$, segue da propriedade universal do pushout a existência de um morfismo $\tilde{\varepsilon} : Q \rightarrow B$ fazendo comutar o diagrama mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} B & \xrightarrow{i_1} & \text{Cyl}(B) & & \\ i'_0 \downarrow & & \downarrow b & \searrow \varepsilon & \\ \text{Cyl}'(B) & \xrightarrow{t} & Q & \xrightarrow{\tilde{\varepsilon}} & B \\ & \searrow \varepsilon' & & & \end{array}$$

Note que, como ε e b são equivalências fracas, o mesmo é válido para $\tilde{\varepsilon}$ por conta da igualdade $\tilde{\varepsilon} \circ b = \varepsilon$ e da propriedade 2-de-3.

³Aqui não podemos usar o resultado de independência de objetos cilindro pois isso requer que o codomínio dos morfismos seja fibrante.

Considere agora o morfismo $\tilde{i} : B \sqcup B \rightarrow Q$ definido como $\tilde{i} := \langle b \circ i_0, t \circ i'_1 \rangle$ por meio da propriedade universal do coproduto $B \sqcup B$. Afirmamos que $\tilde{\varepsilon}$ e \tilde{i} juntos fatoram o morfismo codiagonal. De fato, por um lado temos

$$\tilde{\varepsilon} \circ \tilde{i} \circ j_1 = \tilde{\varepsilon} \circ b \circ i_0 = \varepsilon \circ i_0 = \text{id}_B,$$

e por outro temos também

$$\tilde{\varepsilon} \circ \tilde{i} \circ j_2 = \tilde{\varepsilon} \circ t \circ i'_1 = \varepsilon' \circ i'_1 = \text{id}_B;$$

portanto a propriedade universal do coproduto implica a igualdade $\tilde{\varepsilon} \circ \tilde{i} = \nabla$ desejada.

Veja que como a homotopia $h_1 : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ “termina” em f_2 , enquanto a homotopia $h_2 : \text{Cyl}'(B) \rightarrow X$ “começa” em f_2 , ou seja, temos as igualdades $h \circ i_1 = h \circ i'_0 = f_2$, a camada externa do diagrama abaixo comuta, portanto pela propriedade universal do pushout obtemos o morfismo $h : Q \rightarrow X$ indicado.

$$\begin{array}{ccc} B & \xrightarrow{i_1} & \text{Cyl}(B) \\ \downarrow i'_0 & & \downarrow b \\ \text{Cyl}'(B) & \xrightarrow{t} & Q \end{array} \quad \begin{array}{c} \nearrow h_1 \\ \searrow h \\ \nearrow h_2 \end{array}$$

Afirmamos que o morfismo h construído dessa forma satisfaz a igualdade $h \circ \tilde{i} = \langle f_1, f_3 \rangle$. De fato, pré-compondo com a injeção j_1 no coproduto vemos que

$$h \circ \tilde{i} \circ j_1 = h \circ b \circ i_0 = h_1 \circ i_0 = f_1,$$

e pré-compondo com a outra injeção j_2 vemos também que

$$h \circ \tilde{i} \circ j_2 = h \circ t \circ i'_1 = h_2 \circ i'_1 = f_3;$$

de forma que a igualdade desejada segue da propriedade universal do coproduto novamente.

Infelizmente, embora isso pareça muito ser verdade, h *não* define uma homotopia de f_1 para f_3 , pois a tripla $(Q, \tilde{i}, \tilde{\varepsilon})$ *não* define um objeto cilindro para B já que \tilde{i} pode não ser uma cofibração. Felizmente, podemos usar o axioma de fatoração para corrigirmos esse defeito sem grandes dores de cabeça. Mais precisamente, usando tal axioma podemos reescrever \tilde{i} como uma cofibração $\hat{i} : B \sqcup B \rightarrow \hat{Q}$ seguida de uma fibração trivial $p : \hat{Q} \rightarrow Q$ conforme mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} B \sqcup B & \xrightarrow{\tilde{i}} & Q \\ \searrow \hat{i} & & \nearrow p \\ & \hat{Q} & \end{array}$$

Veja que a tripla $(\hat{Q}, \hat{i}, \tilde{\varepsilon} \circ p)$ define realmente um objeto cilindro: \hat{i} é uma cofibração por hipótese, $\tilde{\varepsilon} \circ p$ é a composição de duas equivalências fracas e, portanto, uma equivalência fraca também; e os dois morfismos em questão fatoram a codiagonal pois

$$\tilde{\varepsilon} \circ p \circ \hat{i} = \tilde{\varepsilon} \circ \tilde{i} = \nabla.$$

Note agora que o morfismo composto $h \circ p : \hat{Q} \rightarrow X$ define enfim a homotopia procurada com relação a esse verdadeiro objeto cilindro como mostra a sequência de igualdades

$$h \circ p \circ \hat{i} = h \circ \tilde{i} = \langle f_1, f_3 \rangle. \quad \blacksquare$$

Introduzimos agora uma noção de certa forma dual àquela de objeto cilindro.

5.7 Definição. Sejam \mathbf{M} uma categoria modelo e $X \in \mathbf{M}$ um objeto qualquer. Um **objeto de caminhos** para B é uma fatoração do morfismo diagonal $\Delta : X \rightarrow X \times X$ como uma equivalência fraca seguida de uma fibração. Mais explicitamente, um objeto de caminhos para B é uma tripla $(P(X), c, p)$, onde $P(X) \in \mathbf{M}$ é um objeto da categoria, $c : X \xrightarrow{\sim} P(X)$ é uma equivalência fraca, e $p : P(X) \rightarrow X \times X$ é uma fibração tais que $\Delta = p \circ c$, conforme mosrado no diagrama abaixo.

$$\begin{array}{ccc} & & P(X) \\ & \nearrow c & \downarrow p \\ X & \xrightarrow{\Delta} & X \times X \end{array}$$

Quando o morfismo c é também uma cofibração, portanto uma cofibração trivial, dizemos que a tripla $(P(X), c, p)$ define um objeto de caminhos **forte** para X .

5.8 Observação. O axioma de fatoração (M5) garante que o morfismo diagonal $\Delta : X \times X \rightarrow X$ pode ser fatorado como uma cofibração trivial seguida de uma fibração, portanto todo objeto de uma categoria modelo admite um objeto de caminhos que é até mesmo forte. Como no caso do objetos cilindro, nem sempre esse modelo obtido pelo axioma de fatoração é o mais conveniente para trabalharmos, de forma que é vantajoso considerarmos também objetos de caminhos que não necessariamente sejam fortes.

Neste caso temos também algumas notações associadas. Dado um objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ para X , se $\pi_1, \pi_2 : X \times X \rightarrow X$ são as projeções canônicas associadas ao produto, denotaremos os morfismos compostos $\pi_1 \circ p, \pi_2 \circ p : P(X) \rightarrow X$ por p_0 e p_1 , respectivamente. Note então que a fibração p é precisamente o morfismo induzido por p_0 e p_1 por meio da propriedade universal do produto, ou seja, $p = (p_0, p_1)$. Como no caso de objetos cilindros, os índices usados na notação ficam claros quando examinamos o caso topológico clássico, onde o objeto de caminhos é dado pelo espaço de mapas X^I munido da topologia compacto-aberta, a equivalência fraca $c : X \rightarrow X^I$ associa a cada ponto $x \in X$ o caminho $c(b) : I \rightarrow X$ constante naquele ponto, e a fibração $p : X^I \rightarrow X \times X$ associa a um caminho $\gamma \in B^X$ seus pontos inicial e final, ou seja, $p(\gamma) := (\gamma(0), \gamma(1))$. Nesse caso, os mapas $p_0, p_1 : X^I \rightarrow B$ introduzidos acima são simplesmente os mapas de avaliação no instante inicial 0 e no instante final 1, respectivamente, o que justifica nossa escolha de índice na notação usada para tais morfismos.

Vamos agora percorrer um caminho completamente análogo ao que percorremos para objetos cilindros. Começamos inicialmente verificando algumas das propriedades básicas satisfeitas por objetos de caminhos.

5.9 Lema. *Sejam \mathbf{M} uma categoria modelo, $X \in \mathbf{M}$ um objeto, e $(P(X), c, p)$ um objeto de caminhos qualquer para X .*

- (i) *Os morfismos $p_0, p_1 : P(X) \rightarrow X$ são equivalência fracas.*
- (ii) *Se X é um objeto fibrante, então os morfismos $p_0, p_1 : P(X) \rightarrow X$ são também fibrações e, portanto, fibrações triviais.*

Demonstração. (i) Note que pela definição de p_0 e do morfismo diagonal Δ temos

$$p_0 \circ c = \pi_1 \circ p \circ c = \pi_1 \circ \Delta = \text{id}_X.$$

Ora, como id_X é uma equivalência fraca, o mesmo valendo para c pela definição de objeto de caminhos, segue da propriedade 2-de-3 que p_0 é uma equivalência fraca. A demonstração de que p_1 também é uma equivalência fraca segue de um raciocínio completamente análogo.

(ii) Lembremos que em qualquer categoria, um produto por der interpretado como um pullback sobre o objeto final. Mais precisamente, se $*$ $\in \mathbf{M}$ denota um objeto final qualquer de \mathbf{M} , então o quadrado comutativa abaixo é um pullback.

$$\begin{array}{ccc} X \times X & \xrightarrow{\pi_1} & B \\ \pi_2 \downarrow & & \downarrow !_B \\ B & \xrightarrow{!_B} & * \end{array}$$

Como X é por hipótese fibrante, ou seja, o morfismo $!_X : X \rightarrow *$ é uma fibração, e como fibrações são preservadas por pullbacks de acordo com a Corolário 1.9, concluimos que as projeções canônicas π_1 e π_2 são fibrações também. Segue então que os morfismos $p_0 = \pi_1 \circ p$ e $p_1 = \pi_2 \circ p$ são composições de fibrações e, portanto, fibrações também de acordo com o Corolário 1.9 novamente. ■

Objetos de caminhos dão origem a uma noção de homotopia entre morfismos que é dual à noção de homotopia à esquerda introduzida anteriormente em termos de objetos cilindros.

5.10 Definição. Dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$ em uma categoria modelo \mathbf{M} são ditos **homotópicos à direita** se existe algum objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ para X e um morfismo $h : B \rightarrow P(X)$ tal que $p \circ h = (f, g)$, conforme mostrado no diagrama abaixo. Neste caso, denotamos essa relação por $f \sim_r g$.

$$\begin{array}{ccccc} & & P(X) & & \\ & \nearrow h & \downarrow p & \nwarrow c & \\ B & \xrightarrow{(f,g)} & X \times X & \xleftarrow{\Delta} & X \end{array}$$

Veja que a definição acima recupera a definição clássica da Topologia. O mapa $h : B \rightarrow X^I$ define uma família de caminhos em X parametrizada pelos pontos do espaço B . Para cada $b \in B$, o caminho associada $h(b)$ tem $f(b)$ como ponto inicial pois

$$[h(b)](0) = p_0(h(b)) = \pi_1(p(h(b))) = \pi_1(f(b), g(b)) = f(b),$$

e analogamente, $h(b)$ tem como ponto final a imagem $g(b)$. Assim, a família de caminhos definida pela homotopia h em certo sentido “conecta” a imagem do estágio inicial f da homotopia ao estágio final g da mesma.

Nosso objetivo agora é demonstrar um resultado análogo à Proposição 5.5 para homotopias à direita.

5.11 Proposição. *Suponha que $f, g : B \rightarrow X$ sejam dois morfismos homotópicos à direita em uma categoria modelo \mathbf{M} .*

1. *Dado um morfismo $\alpha : A \rightarrow B$, os morfismos compostos $f \circ \alpha, g \circ \alpha : A \rightarrow X$ são homotópicos à direita.*
2. *Se B é cofibrante, então a homotopia entre f e g independe do objeto de caminhos para X .*
3. *Se B é cofibrante, então dado qualquer morfismo $\beta : X \rightarrow Y$, os morfismos compostos $\beta \circ f, \beta \circ g : B \rightarrow Y$ são homotópicos à direita.*

Demonstração. 1. Como f e g são homotópicos à direita, existe *algum* objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ para X juntamente com um morfismo $h : B \rightarrow P(X)$ tal que $p \circ h = (f, g)$. Afirmamos que o morfismo composto $h \circ \alpha : A \rightarrow P(X)$ define uma homotopia à direita de $f \circ \alpha$ para $g \circ \alpha$. De fato, basta para isso notarmos que

$$p \circ h \circ \alpha = (f, g) \circ \alpha = (f \circ \alpha, g \circ \alpha),$$

sendo que a última igualdade é uma consequência direta da propriedade universal que caracteriza o produto $X \times X$.

2. Considere um objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ para X juntamente com uma homotopia à direita $h : B \rightarrow P(X)$ de f para g com relação a esse objeto de caminhos. Afirmamos inicialmente que podemos encontrar uma outra homotopia à direita entre f e g que esteja definida em um objeto de caminhos *forte* para X . Inicialmente, aplicamos o axioma de fatoração (M5) à equivalência fraca $c : X \rightarrow P(X)$ para obtermos uma cofibração trivial $i : X \xrightarrow{\sim} P$ seguida de uma fibração $q : P \rightarrow P(X)$ tais que $c = q \circ i$, conforme mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{c} & P(X) \\ & \searrow i & \nearrow q \\ & P & \end{array}$$

Afirmamos que a tripla $(P, i, p \circ q)$ define um objeto de caminhos forte para X . De fato, i é uma cofibração trivial pela fatoração acima, enquanto $p \circ q$ é a composição de duas fibrações e, portanto, uma fibração também. Além disso, esses morfismos fatoram o morfismo diagonal de X já que

$$(p \circ q) \circ i = p \circ (q \circ i) = p \circ c = \Delta.$$

Tendo em mãos o objeto de caminhos forte acima, vejamos como obter uma homotopia que tome valores nele a partir da homotopia h já existente. Veja inicialmente que o problema de levantamento abaixo admite uma solução $H : B \rightarrow P$, já que $!_B : \emptyset \rightarrow B$ é uma cofibração pela hipótese de B ser cofibrante, e $q : P \rightarrow P(X)$ é uma fibração trivial pela fatoração acima e pela propriedade 2-de-3.

$$\begin{array}{ccc} \emptyset & \xrightarrow{!_P} & P \\ !_B \downarrow & \nearrow H & \downarrow q \\ B & \xrightarrow{h} & P(X) \end{array}$$

Esse morfismo H é precisamente a homotopia à direita procurada, pois

$$(p \circ q) \circ H = p \circ (q \circ H) = p \circ h = (f, g).$$

Podemos assumir então sem perda de generalidade que o objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ no qual está definida a homotopia à direita entre f e g é forte. Se (P', c', p') é outro objeto de caminhos *qualquer* para X , vejamos como construir uma homotopia à direita $h' : B \rightarrow P'$ tomando valores nesse objeto. Note primeiro que o problema de levantamento dado pelo quadrado comutativo abaixo admite uma solução ϕ , já que c é uma cofibração trivial, e p' é uma fibração.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{c'} & P' \\ c \downarrow & \nearrow \phi & \downarrow p' \\ P(X) & \xrightarrow{p} & X \times X \end{array}$$

Basta notar agora que a composição $\phi \circ h : B \rightarrow P'$ define a homotopia à direita desejada, pois

$$p' \circ \phi \circ h = p \circ h = (f, g).$$

3. Suponha que $(P(X), c_X, p_X)$ seja um objeto de caminhos forte para X e que $(P(Y), c_Y, p_Y)$ seja um objeto de caminhos qualquer para Y . Sendo B cofibrante, segue do item 2 que certamente existe uma homotopia de f para g em termos do objeto de caminhos $P(X)$, ou seja, um morfismo $h : B \rightarrow P(X)$ tal que $p_X \circ h = (f, g)$. A ideia é obtermos um morfismo $\phi : P(X) \rightarrow P(Y)$ que nos permita “empurrar” a homotopia h ao longo do morfismo β , e para isso é claro que vamos usar o axioma de levantamento.

Note que o quadrado abaixo é comutativo, pois

$$p_Y \circ c_Y \circ \beta = \Delta_Y \circ \beta = \beta \times \beta = (\beta \times \beta) \circ \text{id}_X = (\beta \times \beta) \circ \Delta_X = (\beta \times \beta) \circ c_X \circ p_X.$$

Aplicando o axioma de levantamento (M4) obtemos então o levantamento $\phi : P(X) \rightarrow P(Y)$ conforme indicado.

$$\begin{array}{ccc} X & \xrightarrow{c_Y \circ \beta} & P(Y) \\ c_X \downarrow \wr & \nearrow \phi & \downarrow p_Y \\ P(X) & \xrightarrow{(\beta \times \beta) \circ p_X} & Y \times Y \end{array}$$

Afirmamos que o morfismo composto $\phi \circ h : B \rightarrow P(Y)$ define a homotopia à direita desejada então $\beta \circ f$ e $\beta \circ g$. De fato, basta notar que

$$p_Y \circ \phi \circ h = (\beta \times \beta) \circ p_X \circ h = (\beta \times \beta) \circ (f, g) = (\beta \circ f, \beta \circ g). \quad \blacksquare$$

O próximo passo no nosso estudo de homotopias em categorias de modelos é dualizarmos o Corolário 5.6 para obtermos um resultado análogo para homotopias à direita.

5.12 Corolário. *Em uma categoria de modelos $(\mathbf{M}, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$, se B é um objeto qualquer, e X é um objeto fibrante, então a relação de homotopia à direita \simeq_r define uma relação de equivalência no conjunto de morfismos.*

Demonstração. Dado um morfismo $f : B \rightarrow X$ qualquer, note primeiro que o morfismo idêntico id_X é certamente homotópico à direita a si mesmo, pois se $(P(X), c, p)$ é um objeto de caminhos qualquer para X , o próprio morfismo $c : X \rightarrow P(X)$ define a homotopia à direita mencionada já que $p \circ c = \Delta = (\text{id}_X, \text{id}_X)$. Ora, sabendo então que $\text{id}_X \simeq_r \text{id}_X$ e que homotopias à direita são preservadas por composições à direita pela Proposição 5.11, segue que $\text{id}_X \circ f \simeq_r \text{id}_X \circ f$, ou seja, $f \simeq_r f$; mostrando assim a reflexividade da relação. De forma similar ao que ocorreu com homotopias à esquerda, note que essa demonstração não depende da hipótese de fibrância sobre X , ou seja, a relação de homotopia à direita é *sempre* reflexiva.

Vejam agora a questão da simetria da relação. A estratégia é completamente análoga à que empregamos na demonstração da simetria da relação de homotopia à esquerda. Dados dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$ e uma homotopia $h : B \rightarrow P(X)$ de f para g tomando valores em um objeto de caminhos $(P(X), c, p)$ qualquer para X , precisamos produzir um outro objeto de caminhos no qual os pontos inicial e final estejam trocados, e a estratégia para conseguirmos isso é trocarmos a ordem dos fatores do produto $B \times B$. Mais precisamente, se $\pi_1, \pi_2 : X \times X \rightarrow X$ denotam as projeções canônicas, consideramos o morfismo $\Sigma := (\pi_2, \pi_1) : X \times X \rightarrow X \times X$. Note que as igualdades

$$\pi_1 \circ (\Sigma \circ \Delta) = (\pi_1 \circ \Sigma) \circ \Delta = \pi_2 \circ \Delta = \text{id}_X$$

juntamente com as igualdades

$$\pi_2 \circ (\Sigma \circ \Delta) = (\pi_2 \circ \Sigma) \circ \Delta = \pi_1 \circ \Delta = \text{id}_X$$

mostram que o morfismo diagonal é invariante pelo morfismo Δ , ou seja, vale a igualdade $\Sigma \circ \Delta = \Delta$. Uma aplicação similar da propriedade universal do produto mostra que o morfismo Σ satisfaz também a igualdade $\Sigma \circ \Sigma = \text{id}_{X \times X}$, de onde concluímos, em particular, que Σ é um isomorfismo e portanto uma fibração trivial.

Afirmamos agora que a tripla $(P(X), c, \Sigma \circ p)$ define um objeto de caminhos para X . De fato, já sabemos que c é uma equivalência fraca, $\Sigma \circ p : P(X) \rightarrow X \times X$ é a composição de duas fibrações, logo uma fibração também, e usando as propriedades acima vemos que

$$(\Sigma \circ p) \circ c = \Sigma \circ (p \circ c) = \Sigma \circ \Delta = \Delta;$$

portanto temos uma outra fatoração do morfismo diagonal. Basta notar agora que $h : B \rightarrow P(X)$ satisfaz as igualdades

$$\pi_1 \circ (\Sigma \circ p) \circ h = (\pi_1 \circ \Sigma) \circ (p \circ h) = \pi_2 \circ (f, g) = g$$

e também

$$\pi_2 \circ (\Sigma \circ p) \circ h = (\pi_2 \circ \Sigma) \circ (p \circ h) = \pi_1 \circ (f, g) = f;$$

portanto h define uma homotopia à direita de g para f com relação ao objeto de caminhos “trocado” $(P(X), c, \Sigma \circ p)$. Veja que essa demonstração também não exige a condição de fibrância sobre X , ou seja, a relação de homotopia à direita é *sempre* simétrica.

Resta apenas mostrarmos a transitividade da relação, e aqui a condição de fibrância de X será essencial. Suponha que tenhamos três morfismos $f_1, f_2, f_3 : B \rightarrow X$ juntamente com homotopias à direita $f_1 \simeq_r f_2$ e $f_2 \simeq_r f_3$ dadas, respectivamente, por morfismos $h_1 : B \rightarrow P(X)$ e $h_2 : B \rightarrow P'(X)$, onde $(P(X), c, p)$ e $(P'(X), c', p')$ são dois objetos de caminhos possivelmente distintos. Analogamente ao que fizemos no caso de homotopias à esquerda, precisamos de alguma forma combinar os objetos $P(X)$ e $P'(X)$ de forma a obtermos um outro objeto de caminhos onde faça sentido a concatenação das homotopias h_1 e h_2 . O primeiro passo nesse sentido é formarmos o pullback P indicado abaixo,

$$\begin{array}{ccc} P & \xrightarrow{\phi} & P(X) \\ \phi' \downarrow & & \downarrow p_1 \\ P'(X) & \xrightarrow{p'_0} & X \end{array}$$

onde $p_1 : P(X) \rightarrow X$ e $p'_0 : P'(X) \rightarrow X$ são componentes das fibrações $p : P(X) \rightarrow X \times X$ e $p' : P'(X) \rightarrow X \times X$, respectivamente. A hipótese de fibrância de X garante que tais morfismos sejam fibrações triviais de acordo com o Lema 5.3, portanto os morfismos ϕ e ϕ' que aparecem no pullback acima são também fibrações triviais graças ao Corolário 1.9.

As igualdades $p_1 \circ c = p'_0 \circ c' = \text{id}_X$ dão origem por meio da propriedade universal do pullback a um morfismo $\bar{c} : X \rightarrow P$ fazendo comutar o diagrama mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} X & & & & \\ & \searrow c & & & \\ & & P & \xrightarrow{\phi} & P(X) \\ & \swarrow \bar{c} & \downarrow \phi' & & \downarrow p_1 \\ & & P'(X) & \xrightarrow{p'_0} & X \end{array}$$

Note que o fato de ϕ e c serem equivalências fracas, juntamente com a igualdade $\phi \circ \bar{c} = c$ garantem que \bar{c} seja uma equivalência fraca também graças à propriedade 2-de-3.

O pullback P vem equipado também com um morfismo $q : P \rightarrow X \times X$ devido por meio da propriedade universal do produto como $q := (p_0 \circ \phi, p'_1 \circ \phi')$. Esse morfismo q define juntamente com o morfismo \bar{c} obtido acima uma fatoração do morfismo diagonal de X , fato este que segue diretamente das igualdades

$$\pi_1 \circ q \circ \bar{c} = p_0 \circ \phi \circ \bar{c} = p_0 \circ c = \text{id}_X$$

e também das igualdades

$$\pi_2 \circ q \circ \bar{c} = p'_1 \circ \phi' \circ \bar{c} = p'_1 \circ c' = \text{id}_X.$$

As homotopias h_1 e h_2 consideradas inicialmente satisfazem as igualdades $p_1 \circ h_1 = p'_0 \circ h_2 = f_2$, logo a propriedade universal do pullback fornece então um morfismo $h : B \rightarrow P$ fazendo comutar o diagrama mostrado abaixo.

$$\begin{array}{ccccc} B & & & & \\ & \searrow^{h_1} & & & \\ & & P & \xrightarrow{\phi} & P(X) \\ & \swarrow_{h_2} & \downarrow \phi' & & \downarrow p_1 \\ & & P'(X) & \xrightarrow{p'_0} & X \end{array}$$

Afirmamos que esse morfismo h satisfaz a igualdade $q \circ h = (f_1, f_3)$. De fato, por um lado temos

$$\pi_1 \circ q \circ h = p_0 \circ \phi \circ h = p_0 \circ h_1 = f_1,$$

enquanto por outro temos

$$\pi_2 \circ q \circ h = p'_1 \circ \phi' \circ h = p'_1 \circ h_2 = f_3;$$

portanto a igualdade desejada segue da propriedade universal do produto.

Infelizmente, embora o morfismo h satisfaça a igualdade acima, ele *não* define uma homotopia à direita de f_1 para f_3 pois a tripla (P, \bar{c}, q) *não* necessariamente define um objeto de caminhos para X já que q pode não ser uma fibração. Felizmente podemos corrigir isso facilmente como no caso da homotopia à esquerda. Usando o axioma de fatoração podemos reescrever $q : P \rightarrow X \times X$ como uma cofibração trivial $i : P \rightarrow \tilde{P}$ seguida de uma fibração $\tilde{q} : \tilde{P} \rightarrow X \times X$ conforme indicado abaixo.

$$\begin{array}{ccc} P & \xrightarrow{q} & X \times X \\ \searrow \scriptstyle i & & \nearrow \scriptstyle \tilde{p} \\ & \tilde{P} & \end{array}$$

A tripla $(\tilde{P}, i \circ \bar{c}, \tilde{q})$ sim define um objeto de caminhos para X . De fato, o morfismo $i \circ \bar{c} : X \rightarrow \tilde{P}$ é a composição de duas equivalências fracas e, portanto, uma equivalência fraca também, $\tilde{q} : \tilde{P} \rightarrow X \times X$ é uma fibração por construção; e temos também a igualdade

$$\tilde{q} \circ (i \circ \bar{c}) = (\tilde{q} \circ i) \circ \bar{c} = q \circ \bar{c} = \Delta.$$

Notamos enfim que o morfismo composto $i \circ h : B \rightarrow \tilde{P}$ define a homotopia à direita de f_1 para f_3 desejada como mostram as igualdades

$$\tilde{q} \circ (i \circ h) = (\tilde{q} \circ i) \circ h = q \circ h = (f_1, f_3). \quad \blacksquare$$

Encerraremos essa seção comparando as noções de homotopias à esquerda e à direita e procurando entender quando as duas coincidem ou não. Em suma, o resultado abaixo diz que essas duas noções sempre coincidem quando o domínio ou o codomínio são objetos bons do ponto de vista homotópico, ou seja, satisfazem condições de cofibrância ou fibrância.

5.13 Proposição. *Seja $(M, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ uma categoria de modelos.*

1. *Se B é um objeto cofibrante, X é um objeto qualquer, e $f, g : B \rightarrow X$ são dois morfismos homotópicos à esquerda, então f e g são também homotópicos à direita.*
2. *Se B é um objeto qualquer, X é um objeto fibrante, e $f, g : B \rightarrow X$ são dois morfismos homotópicos à direita, então f e g são também homotópicos à esquerda.*

Demonstração. 1. Sejam $(\text{Cyl}(B), i, \varepsilon)$ um objeto cilindro qualquer para B e $h : \text{Cyl}(B) \rightarrow X$ uma homotopia à esquerda de f para g . A cofibrância de B garante que $i_0 : B \rightarrow \text{Cyl}(B)$ seja uma cofibração trivial pelo Lema 5.3. Veja que o quadrado mostrado abaixo é comutativo como mostra a sequência de igualdades

$$(f \circ \varepsilon, h) \circ i_0 = (f \circ \varepsilon \circ i_0, h \circ i_0) = (f, f) = \Delta \circ f = p \circ c \circ f.$$

$$\begin{array}{ccc} B & \xrightarrow{c \circ f} & P(X) \\ i_0 \downarrow \wr & \nearrow \theta & \downarrow p \\ \text{Cyl}(B) & \xrightarrow{(f \circ \varepsilon, h)} & X \times X, \end{array}$$

O axioma de levantamento garante então a existência do morfismo diagonal $\theta : \text{Cyl}(B) \rightarrow P(X)$ fazendo comutar o diagrama todo como mostrado acima.

Vamos tentar entender a função do morfismo θ . Tal morfismo transforma pontos do objeto cilindro $\text{Cyl}(B)$ em pontos do objeto $P(X)$, que pensamos intuitivamente como caminhos em X . A igualdade $p \circ \theta = (f \circ \varepsilon, h)$ diz que o ponto inicial desse caminho é determinada por $f \circ \varepsilon$, enquanto o ponto final é determinado pelo valor da própria homotopia h . Ora, como nossa homotopia termina em g , a ideia é que se compormos θ com a cofibração $i_1 : B \xrightarrow{\sim} \text{Cyl}(B)$ que determina a parte superior do cilindro, então teremos um caminho de f até g . De fato, o morfismo composto $H := \theta \circ i_1$ satisfaz

$$p \circ H = p \circ \theta \circ i_1 = (f \circ \varepsilon, h) \circ i_1 = (f \circ \varepsilon \circ i_1, h \circ i_1) = (f, g),$$

definindo, portanto, uma homotopia à direita de f para g .

2. A demonstração desse segundo item é simplesmente uma dualização da demonstração do primeiro. Considere $h : B \rightarrow P(X)$ uma homotopia à direita de f para g . Aplicando o Lema 5.9 concluímos que a projeção $p_0 : P(X) \rightarrow X$ é uma fibração trivial. A sequência de igualdades

$$p_0 \circ \langle c \circ f, h \rangle = \langle p_0 \circ c \circ f, p_0 \circ h \rangle = \langle f, f \rangle = f \circ \nabla = f \circ \varepsilon \circ i$$

mostra que o quadrado abaixo é comutativo.

$$\begin{array}{ccc} B \sqcup B & \xrightarrow{\langle c \circ f, h \rangle} & P(X) \\ i \downarrow & \nearrow \psi & \downarrow \wr p_0 \\ \text{Cyl}(B) & \xrightarrow{f \circ \varepsilon} & X \end{array}$$

Aplicando o axioma de levantamento obtemos o mapa diagonal $\psi : \text{Cyl}(B) \rightarrow P(X)$ também indicado acima e que faz o diagrama todo comutar ainda. Basta notar então que o morfismo composto $H := p_1 \circ \psi$ satisfaz as igualdades

$$H \circ i = p_1 \circ \psi \circ i = p_1 \circ \langle c \circ f, h \rangle = \langle p_1 \circ c \circ f, p_1 \circ h \rangle = \langle f, g \rangle$$

e define, portanto, uma homotopia à esquerda de f para g . ■

5.14 Definição. Seja $(\mathbf{M}, \mathcal{W}, \mathcal{C}, \mathcal{F})$ uma categoria de modelos. Dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$ são ditos homotópicos quando eles são simultaneamente homotópicos à esquerda e também homotópicos à direita.

Tendo a definição acima em mãos, podemos reformular o enunciado da Proposição 5.13 da seguinte forma: quando o domínio é cofibrante, então dois morfismos homotópicos à esquerda são também homotópicos; e quando o codomínio é fibrante, dois morfismos homotópicos à direita são também homotópicos. O caso que nos será mais útil e que deixamos registrados na forma do próximo corolário é aquele onde as condições de cofibrância e fibrância são ambas satisfeitas, de forma que as várias noções de homotopia vistas até agora coincidam.

5.15 Corolário. *Em uma categoria de modelos, dados um objeto cofibrante B , um objeto fibrante X , e dois morfismos $f, g : B \rightarrow X$, as seguintes afirmações são equivalentes:*

1. f e g são homotópicos à esquerda;
2. f e g são homotópicos à direita;
3. f e g são homotópicos.

Referências

- [HM22] Gijs Heuts e Ieke Moerdijk. *Simplicial and Dendroidal Homotopy Theory*. 1^a ed. A Series of Modern Surveys in Mathematics. Springer Cham, 2022.
- [nLa23] nLab authors. *Localization*. <https://ncatlab.org/nlab/show/localization>. Revision 78. Nov. de 2023.
- [Shu] Mike Shulman. *What is the correct definition of localisation of a category?* MathOverflow. URL: <https://mathoverflow.net/q/312123> (version: 2018-10-05). eprint: <https://mathoverflow.net/q/312123>. URL: <https://mathoverflow.net/q/312123>.